

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**SIMONEIDE CORREIA ARAUJO DE JESUS**

**A PRODUÇÃO DE IMPRESSOS ESTUDANTIS DE MACEIÓ (1858/1943)**

**MACEIÓ**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**SIMONEIDE CORREIA ARAUJO DE JESUS**

**A PRODUÇÃO DE IMPRESSOS ESTUDANTIS DE MACEIÓ (1858/1943)**

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso  
– TCC na Graduação em Pedagogia Licenciatura  
pelo Centro de Educação na Universidade Federal  
de Alagoas como requisito para obtenção do título  
de Graduada em Educação, sob a orientação da  
profa. Dra. Maria das Graças de Lóiola Madeira.

**MACEIÓ**

**2010**

*Aos meus pais, filho, irmã, sobrinha e amigos, pelo apoio nos momentos que tinha de dedicar aos estudos. Vocês são à base de tudo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Início agradecendo a minha família e a Deus, que me deram a oportunidades de cursar Pedagogia, me patrocinando e me dando todo o apoio necessário, deste modo, agradeço também a Universidade Federal de Alagoas, ao Centro de Educação e toda equipe de profissionais, funcionários, professores que contribuíram para minha trajetória acadêmica.

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, trabalho árduo, esforços de noites e noites de estudos, resultaram na finalização e apresentação dos resultados da pesquisa que iniciei desde 2008, dentro do grupo de pesquisa Caminho de Educação em Alagoas, onde vivi momentos de total aprendizado acadêmico e de vida, esclarecendo que a trajetória de graduanda é um degrau decisivo para os demais degraus em nossa vida profissional.

Sendo assim, agradeço a minha professora orientadora Maria das Graças de Loiola Madeira, pelas dicas, pelos conselhos, pelos momentos de estudo, pelas conversas informais. Muito obrigada Graça pela disponibilidade, ter estado no grupo desfrutando de suas orientações foi fundante em meu aprendizado, devo todo meu perfil de estudante aos seus direcionamentos, que foram os melhores possíveis.

Aos meus amigos. Os que fizeram parte da minha vida acadêmica, que me acompanharam, nos dias de aula, nas elaborações de trabalhos, amigos que construíram conhecimentos e laços que vou levar para vida toda. E aos amigos que não me acompanham na universidade, mas estão presente em uma palavra, em um gesto de apoio, em um sorriso de carinho, nos momentos turbulentos e felizes que vivenciei nesses quatro anos.

Grata as joias raras que estão todos os dias ao meu lado, minha mãe Maridalva, meu pai Aloisio, minha irmão Morgana, minha sobrinha Wana Alice e meu Filho ARTHUR. Cinco peças que se comparam os cinco membros do corpo humano, não sou nada sem vocês, totalmente dependente, disser obrigada é pouco nesse momento, foram tantas coisas vividas durante esses quatro anos de curso, sem vocês de verdade não teria conseguido.

Muito Obrigada!

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre os periódicos confeccionados por alunos na cidade de Maceió, no período de 1858 à 1943. Este texto consiste em fazer uma análise dos periódicos produzidos pelos alunos no século XIX, como o *Lyceista Alagoano* (1859), *O Collegial* (1869), *O Dever* (1887), o *Estudante* (1888) e *A Escola* (1892). Os demais foram veiculados no século XX, como o *O farol do estudante* (1941) e *O eco escolar* (1941). Os referidos periódicos pertencem aos acervos do Instituto Histórico e Geográfico, do Arquivo Público do Estado de Alagoas e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Por sua vez, na tentativa de responder a pergunta que norteia o trabalho **qual o perfil da escrita veiculada nos periódicos estudantis em Alagoas?** Desenvolvemos um panorama do ensino secundário e suas particularidades dentro das instituições de ensino que estavam vinculadas com a elaboração dos impressos, além de discutir a formação dos docentes e discentes. Seguiremos tratando de forma breve sobre o cenário da imprensa brasileira e sua relação com imprensa educacional e a ligação das agremiações nos movimentos dos estudantes que iniciavam sua escrita dentro dos periódicos estudantis. Por fim, enveredamos na análise das fontes, para compreender melhor a formação pedagógica dos discentes.

**Palavras-chave:** Periódicos Estudantis – Imprensa Educacional – Alagoas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
Definição do tema e escolha do problema.....	10
Em meio a dificuldades: descobertas .....	12
Procedimentos Metodológicos.....	13
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA BRASILEIRA ENTRE IMPÉRIO E REPÚBLICA</b> .....	16
1.1 Liceu e Colégios alagoanos: local de produção intelectual .....	19
1.2 Atuação dos docentes do ensino secundário alagoano .....	23
1.3 Formação dos discentes do ensino secundário em Alagoas .....	24
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A HISTÓRIA DA IMPRENSA EDUCACIONAL NO BRASIL</b> .....	30
2.1 As agremiações estudantis e sua relação com a imprensa .....	35
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>UMA APRECIÇÃO DOS IMPRESSOS ESTUDANDANTIS DE MACEIÓ</b> .....	39
3.1 Impressos Estudantis do Império.....	39
3.2 Impressos Estudantis da República .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

Este estudo pretende analisar a produção dos alunos alagoanos em periódicos locais, em um lastro temporal que segue do Império à República, limitando-se ao período de 1858 à 1943. Por sua vez, a cronologia foi determinada pela data de publicação do primeiro exemplar de cada impresso, correspondendo ao *Lyceista Alagoano* de 1858 e *O Eco Escolar* de 1943.

Estudos revelam que o trabalho da imprensa oficial e informal nos auxilia e muito na compreensão dos estudos da historiografia da educação. Os jornais são fontes documentais que expressam o contexto da época em várias instâncias da sociedade, inclusive educacional. Nessa totalidade, percebe-se que a imprensa, sem dúvida, tem disponibilizado um leque de informações, que tem despertado em diversos pesquisadores a importância das fontes de periódicos, partindo de seu estudo para a compreensão dos caminhos da história da educação.

A imprensa educacional se mostra um estudo importante na perspectiva de que são nos jornais que encontramos vestígios do cotidiano de uma determinada época. Em nosso estudo analisaremos os periódicos estudantis alagoanos na tentativa desvendar conteúdos do cotidiano das instituições escolares envolvidas com os impressos e dos alunos que já exercitava sua escrita no mundo intelectual.

As fontes utilizadas a para realização deste estudo estão relacionadas aos periódicos produzidos pelos alunos no século XIX, como o *Lyceista Alagoano* (1858), *O Collegial* (1867), *O Dever* (1887), o *Estudante* (1888) e *A Escola* (1892), momento em que através de regulamentos, decretos e leis que terão a pretensão de definir o contexto educacional da época. Sobre os impressos relativos ao século XX estão *O farol do estudante* (1941) e *O eco escolar* (1943)<sup>1</sup>, ocasião em que o sistema educacional se apresenta mais consolidado, porém ainda com traços evidentes do século passado.

Neste trabalho será inicialmente realizado uma análise de escrita veiculada nos periódicos, a partir do inventário pesquisado, compreendendo o meio de veiculação, o número de páginas, os principais colaboradores e o conteúdo abordado. Em seguida, discorrerei sobre o conteúdo veiculado, o tipo de formação cultivada pelos alunos autores daqueles impressos, a fim de compreender melhor o teor daquela escrita. Dentre as diversas problemáticas que

---

<sup>1</sup> Os referidos periódicos foram encontrados nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

norteiam este trabalho a principal delas é a busca por **qual o perfil da escrita veiculada nos periódicos estudantis de Alagoas?** A partir dessa questão outras surgirão para complementar e enriquecer nosso trabalho.

No Império brasileiro uma tradição de formação escolar já se apresentava consolidada. Refiro-me aos alunos dos colégios e liceus provinciais que se preparavam desde cedo para se tornarem intelectuais, dotados de uma retórica perfilada pelos estudos humanísticos, para a ocupação de cargos na administração pública, no parlamento, na docência, no jornalismo ou nos quadros eclesiásticos da Igreja Católica. O currículo daquelas instituições de ensino não abria mão do ensino das cadeiras de Retórica e Poética, Gramática Nacional e Análise dos Clássicos, Filosofia Racional e Moral, as quais levariam os alunos a terem acesso ao ensino consolidado tanto pela tradição cristã católica como reformista. Em outras palavras, esses jovens intelectuais eram fadados a ter o domínio de uma literatura universal, de tradição greco-romana, para assim se legitimarem como futuros condutores do país, tendo em vista o lugar o qual deveriam atuar. Abordar este aspecto significa dizer que a produção dos periódicos pelos alunos era um indicativo do lugar que deveriam ocupar na província de Alagoas.

É nesta perspectiva que parte nossa compreensão a respeito desses jovens intelectuais, que logo no ensino secundário, portanto aos 12 e 13 anos, propunham a confecção de periódicos, embora de limitada circulação, mas que já anunciavam o seu potencial de ilustração para o público local. Essas pequenas produções eram incentivadas pelos docentes que também haviam passado por esta mesma trajetória quando jovens. Não é demais lembrar que as atuais referências clássicas da literatura brasileira, a exemplo de José de Alencar, Gonçalves Dias, Raul Pompéia, Machado de Assis, todos eles tiveram lugar nesta formação, ao começarem a publicar seus primeiros escritos nos jornais da época pelo baixo custo de divulgação, se comparado com a editoração de uma obra no Império.

Desse modo, o trabalho será dividido em três capítulos: *O cenário da educação secundária alagoana entre Império e República*, que contará com dois sub-tópicos, onde desenvolveremos o perfil da formação dos docentes e alunos do ensino secundário de Alagoas; *A história da imprensa educacional no Brasil*; e *Uma apreciação dos impressos estudantis alagoanos do Império e da República*, que será dividido em dois sub-tópicos, um contemplando o Império e o outro a República.

No primeiro capítulo realizamos um panorama da estrutura da educação secundária alagoana que, por sua vez, está pautada pela nacional, sendo regida pelo Colégio Pedro II,



instituição modelo para todo país. O diálogo com a literatura nesse processo inicial é essencial, ao ponto de realizarmos um filtro dos temas, na tentativa de esclarecer ao leitor as particularidades até então pouco evidente. Os autores que nos auxiliam com a discussão nacional foram Gondra e Schueler (2008), com o debate da educação no Império, onde problematizam as experiências educativas ao longo do Império brasileiro esclarecendo a relação de forças que se apresenta hoje na sociedade, contemplando as formas educativas e as ações dos sujeitos que compõem o cenário educacional. Stephanou (2005) realiza um estudo em um tempo largo, sobre as experiências educativas escolares, ilumina pontos sobre a atuação dos docentes. E Souza (2008) faz um traçado da organização escolar e do currículo no século XX, com informações nacionais e internacionais, esclarecendo que o cenário educacional é uma inspiração da estrutura educacional européia.

Na esfera da realidade alagoana a obra de Costa (1931) fornece informações para compor a compreensão sobre o contexto social, político e educacional da época no âmbito alagoano, Moacyr (1939) se faz importante pela necessidade de realizar um contra ponto entre os conteúdos do cenário alagoano, uma vez que por meio de dois olhares há uma compreensão mais fundamentada. Duarte (1961) realiza um estudo do ensino secundário sobre o centenário do Liceu Alagoano, instituição que contribuiu para a história educacional do Estado, e trabalha o contexto de algumas instituições particulares que construíram em paralelo com Liceu de Alagoas o cenário do ensino secundário da época.

O segundo capítulo contemplará informações sobre o perfil da imprensa periódica estudantil no Brasil, ajuda a entender o ingresso e participação desses estudantes nos periódicos e posteriormente sua atuação social. A literatura utilizada serão Neves, Morel e Ferreira (2006) que ao organizar sua obra relaciona a história e imprensa, desdobrando sobre as representações culturais publicadas destes impressos que realizam uma prática de poder. Sodré (1999) em sua importante obra traz a história da imprensa desde o período colonial. Esclarece pontos sobre a prática literária dos impressos estudantis. Ampliamos ainda com um sub-tópico que trabalha a ações das agremiações e sua influencia na elaboração e circulação dos periódicos estudantis, utilizamos Souza (2008) e Gondra e Schueler (2008) que em suas obras se remetem sobre o trabalho dessas agremiações e sociedades.

O terceiro capítulo será subdividido em dois, o primeiro contará com os impressos estudantis alagoanos do Império e o segundo da República. Neste capítulo analisaremos as instituições que tiveram impressos estudantis circulando dentro e fora do estabelecimento de ensino, além de nos determos nos conteúdos gerais e trechos específicos dos periódicos, na

tentativa de realizar uma análise crítica da escrita, sendo possível desvendar a intenção social implícita e/ou explícita nos textos dos estudantes. Dialogaremos também com conteúdos da imprensa oficial da época, uma vez que o trabalho da monografia tem sido enriquecido pela elaboração da pesquisa PIBIC, logo encontramos notas oficiais sobre as instituições educacionais e até do próprio periódico, conteúdo este que engrandece nosso trabalho.

Além de travar um diálogo com Camargo (2000), quando apresenta em sua obra o resultado de uma pesquisa com fontes, entre elas periódicos estudantis, e por meio da análise da autora é possível ampliar nosso olhar para o estudo do material localizado. Silva (2009) também ajudará a compreender a formação do aluno do ensino secundário alagoano, em especial o conceito de juventude. A referida autora apresenta um levantamento sobre as primeiras produções periódicas dos alunos explorando temáticas, instituições e épocas de circulação. Sousa (2002) realiza um estudo analítico sobre uma revista produzida por alunas, em colégio católico feminino da cidade de São Paulo. A autora faz um mapeamento minucioso do conteúdo da revista, contrapondo com a formação feminina de 1930 à 1960, período de circulação da Revista *Auxilium* por ela analisada.

Ao realizar um estudo sobre o educador Francisco Domingues da Silva, Madeira (2008) aponta a atuação dele em torno do Colégio Bom Jesus, bem como seu incentivo aos alunos para a escrita de periódicos, entre ele *O Dever*, cujo teor será analisado. Realizamos com Duarte (1961) um panorama geral sobre as principais produções periódicas estudantis do século XIX e início do século XX, confirmando que no contexto alagoano o perfil de produções de impressos confeccionados por alunos com traços literários seguiam um ritmo acelerado de publicação.

## **Definição do tema e escolha do problema**

O interesse por essa temática surgiu em 2008, quando cursava o segundo semestre do Curso de Pedagogia, e fui selecionada para monitoria da disciplina Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia. No semestre seguinte fui convidada a participar da pesquisa – PIBIC, “*Roteiro de fontes da educação em periódicos alagoanos (1870-1950)*”<sup>2</sup>, como

---

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa “*Roteiro de fontes da educação em periódicos alagoanos (1870-1950)*”, é desenvolvido no PPGE/UFAL, tem o objetivo de investigar em periódicos alagoanos do século XIX e XX matérias ligadas a educação e realizar a catalogação das fontes. As matérias são catalogadas através do preenchimento de uma ficha, constando de referências bibliográficas, resumo informativo, palavras-chave, identificação do acervo e informações complementares.

colaboradora, por sorte, fui contemplada com uma bolsa de Iniciação Científica. Assim, integrei-me também ao grupo de pesquisa “Caminhos da Educação em Alagoas”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ser integrante do grupo e componente da pesquisa PIBIC, poder desfrutar da oportunidade de um estudo mais especializado, debatido nas reuniões semanais do grupo, ampliou meu conhecimento sobre a historiografia da educação brasileira, foi fundamental para minha formação acadêmica.

Durante o trabalho de elaboração da pesquisa como pesquisadora PIBIC, tive oportunidade de preparar o resumo informativo de um dos jornais *Diário das Alagoas*, de 24 de agosto de 1859, que tratava de uma reclamação do então diretor do Liceu Alagoano, José Correia da Silva Titara, a respeito da notícia publicada no impresso escolar *Lyceista Alagoano*. Titara tratava de esclarecer, aos alunos que reivindicavam o livre acesso ao Gabinete de Leitura, anexo ao Liceu, para realizar as reuniões da *Sociedade 7 de Setembro*, por sua vez o diretor deixa claro que não cabe a ele a liberação e sim ao presidente da província Agostinho Luiz da Gama.

Foi a partir dessa notícia que começou a surgir o real interesse sobre os impressos estudantis. Posteriormente tive acesso às imagens dos periódicos confeccionados pelos alunos, aquelas selecionadas para nossa análise são as do período imperial o *Lyceista Alagoano* (1858), *O Collegial* (1869), *O Dever* (1887), o *Estudante* (1888) e *A Escola* (1892). E os impressos relativos ao período republicano são *O farol do estudante* (1941) e *O eco escolar* (1943). A data do primeiro periódico e o último justifica o nosso tempo cronológico de estudo, considerando também elementos mais gerais que antecedem a cronologia estipulada, uma vez que o campo das ideias não obedece precisamente aos marcos cronológico por nos definidos *a priori*.

Dessa forma vamos explorar e intensificar a importância dos trabalhos realizados pelos alunos, que carregam consigo o nome da instituição a qual pertencem, e sua colaboração para o melhor entendimento da formação intelectual dos discentes. A análise da linguagem da época é um elemento essencial para entender o dia-a-dia dos estudantes, preparando-os para o mando ou cargos de prestígios, fossem no Império ou na República. Esses alunos iniciavam sua escrita nos periódicos das escolas e depois se direcionavam para imprensa profissional, para política, para ser administrador dentre outras atuações ilustres da sociedade intelectual. Uma observação que cabe fazer de início sobre a escrita contida nos periódicos. Trata-se da possível tutela da escrita dos alunos por professores e diretores. Estivemos atentos a este

aspecto, contudo, apenas numa pesquisa de maior fôlego se poderia chegar a elementos mais consistentes.

### **Em meio a dificuldades: descobertas**

O trabalho que desenvolvo de 2008 a 2011 no projeto de pesquisa “*Roteiro de fontes da educação em periódicos alagoanos (1870-1950)*” consiste em ir ao acervo, catalogar a matéria sobre educação, munido de máscara e luvas, precaução de proteção à saúde e o acervo, registrá-la por meio de fotografias, depois estudá-la e elaborar um resumo informativo, que irá alimentar um catálogo de fontes, que já dispõe de um montante de 1.000 fichas catalográficas. A pesquisa é grandiosa e importante para os estudos na área de História da Educação em Alagoas, uma vez que os locais de pesquisa do estado, Instituto Histórico e Geográfico e o Arquivo Público de Alagoas, não dispõem de equipe que possa armazenar esse material e disponibilizá-lo para o público pesquisador.

A referida pesquisa possibilitou o contato inicial com os jornais do século XIX: *Diário das Alagoas*, *O Liberal*, *o Gutenberg*, *o Jornal das Alagoas*, *o Orbe*, por meio de idas regulares ao Instituto Histórico e Geográfico e ao Arquivo Público de Alagoas. Passei a ter uma familiarização com a fonte primária, momento de fundamental importância para escolha do meu objeto de pesquisa: os Periódicos produzidos por estudantes.

Segundo Vidal (2005) no universo escolar o pesquisador de História da Educação encontra muitos vestígios nos arquivos escolares, principalmente registrados na prática da escrita em diversas localidades da instituição. Podem ser escritas administrativas, dos mestres e alunos, nesse último podemos destacar a prática escritural dos jornalinhos escolares. O autor especifica que a cultura escolar e as práticas escolares estão em contínua articulação para a formação das práticas culturais, que, por sua vez, precisam da sensibilidade do pesquisador para ser compreendida e para decifrar os objetivos culturais que ditaram a circulação e a escrita no interior das escolas. Nessa perspectiva entender as causas e implicações que levaram a escrita desses impressos estudantis é elemento fundamental desse trabalho.

As fontes dos periódicos confeccionados por alunos alagoanos, selecionadas para estudo deste trabalho, foram fotografadas, visto que muitas delas não se encontram em condições de manuseio. Esse recurso de utilização da câmara digital nos proporcionou à captura de imagens de impressos alagoanos que pertencem a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro,

possibilitando a ampliação em números de periódicos em estudo. No entanto, o trabalho difícil de leitura do conteúdo dos periódicos pelas condições que se encontravam os jornais escolares, mutilados e algumas páginas ilegíveis, foi o momento do trabalho que nos custou mais tempo e concentração.

### **Procedimentos metodológicos**

Inicialmente realizamos o levantamento das fontes, destacamos os impressos elaborados pelos alunos, uma lista de sete periódicos correspondentes aos séculos XIX e XX, o *Lyceista Alagoano* (1858), *O Collegial* (1869), *O Dever* (1887), o *Estudante* (1888), *A Escola* (1892), *O farol do estudante* (1941) e *O eco escolar* (1943), e as matérias jornalísticas alagoanas de caráter oficial do *Diário das Alagoas*, do *Gutenberg*, e do *Orbe*, onde encontramos notas sobre o di-a-dia das instituições escolares, Liceu e Colégios particulares, e os impressos escolares. Garcez (2009) ressalta o quanto esse processo inicial de mapeamento das fontes é importante para o trabalho historiográfico.

O mapeamento, sabem sobejamente os pesquisadores, é o primeiro e dos mais importantes passos de pesquisa historiográfica, quando se procuram identificar, no acervo documental disponível, as fontes principais diretamente afetas ao estudo do objetivo temático já definido. Essas fontes principais, por sua vez, constituem o eixo da pesquisa. Elas são previsíveis, indispensáveis e ignorá-las ou omiti-las significa falha metodológica gravíssima, capaz de comprometer a qualidade final do trabalho historiográfico (GARCEZ, 2009, p. 16).

Segundo Lara (2008) o historiador para fazer história precisa selecionar os documentos e transformá-los em fontes históricas, através de interrogações dos textos, assim compreender a ação dos humanos em estudo, os quais nos causam inquietações acadêmicas. Além de considerar os limites do texto, uma vez que quando escrito, foi para atender a um interesse da época, a elaboração do documento não tinha a intenção de se transformar em fonte histórica. Desse modo em meio aos vestígios, o pesquisador exercita sua sensibilidade e realiza suas escolhas na tentativa de responder sua pergunta inicial.

Para me explicar melhor, volto a minhas palavras iniciais: “ao longo de suas vidas, homens e mulheres produziram textos diversos – do modo como achavam que deveriam ser escritos, por motivos e com fins os mais variados”. Pois bem: isso significa dizer que a leitura não deve buscar apenas o que foi

escrito, mas também como foi escrito, por que foi escrito e como aquele texto circulou e foi guardado. Todos esses aspectos são fontes de informação para os historiadores. [...], ao levarmos em consideração todos esses componentes de um documento textual, ampliam-se as possibilidades de conhecer e compreender simultânea deles, perdemos informações e não conseguimos transformá-los em fontes históricas (LARA, 2009, p. 21 e 22)

No trabalho historiográfico o elemento de longa duração ligado ao tempo cronológico, que delimita o período a ser estudo, está pautado nos estudos realizados no movimento dos *Annales*. Esse movimento surge em resposta aos anseios de historiadores que não mais compreendia a história tradicional como ela se mostrava para sociedade. Passa a entender o historiador no seu tempo, que vai responder indagações da sua época. Nessa perspectiva a *Escola dos Annales* também se caracteriza pelo estudo recuado no tempo, pois só desse modo seus membros poderiam problematizar a História. Segundo Bloch (2001, p. 75) “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.

Os estudos base do movimento tiveram início com os historiadores da Revolução Francesa (1789/1799). Aquela contribuição transformou o campo da historiografia, segundo Burke (1997), foi o berço da *Escola dos Annales*. É ressaltada, desse modo, a necessidade do homem se sentir atuante na história, criando um clima emocional e intelectual importante para que a ciência histórica se transforme numa necessidade do homem francês. Hoje a Revista francesa, tem mais de oitenta anos, e continua com o intuito de promover uma nova história e continuam a encorajando inovações.

Por sua vez, a trajetória da *Escola dos Annales* não foi logo aceita e entendida, sendo em alguns momentos vítimas de críticas e passando a ser mal vista. Só depois que saiu da rota da Europa, ela passou a ser estudada e acolhida como uma nova forma de fazer a historiografia. A luta inicial do movimento, em integrar o homem ao tempo da história, tempo esse que precisa ser visto em longa duração, indo além do evento, entendendo que o fato histórico é fruto de um contexto que faz parte do passado.

Não deixa de ser menos verdade que, face à imensa e confusa realidade, o historiador é necessariamente levado a nela recortar o ponto de aplicação particular de suas ferramentas; em consequência, a nela fazer uma escolha que, muito claramente, não é a mesma que a do biólogo, por exemplo; que será propriamente uma escolha de historiador. Este é um autêntico problema de ação. Ele nos acompanhará ao longo de todo o nosso estudo. (BLOCH, 2001, p. 52).

Neste contexto metodológico, que consiste em mapear as fontes, interrogar os textos, analisar os vestígios encontrados, além de nos pautarmos nos postulados da *Escola dos Annales*, a intenção do trabalho é realizar um estudo sobre os periódicos estudantis locais, relacionando os conteúdos circulados nas publicações dos estudantes com a produção de ideias que circulavam de modo mais amplo. Assim será possível também compreender o tipo de formação recebida por esses alunos, considerados jovens intelectuais.

## **CAPÍTULO I**

### **O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA BRASILEIRA ENTRE IMPÉRIO E REPÚBLICA**

Para entender a escrita dos alunos nos periódicos, antes precisamos compreender o contexto escolar da época, deste modo, justifico a realização desse capítulo que tentará contextualizar o cenário do ensino secundário brasileiro no período imperial e republicano. É um estudo longo, por isso nos limitaremos a detalhar o cenário do ensino secundário nos liceus, colégio, instituições que propiciavam a elaboração dos impressos estudantis, além de observarmos os saberes que eram ofertados nesses estabelecimentos de ensino, e quanto contribuíram para a atuação dos docentes e formação dos alunos.

A configuração educacional do Brasil começa a ganhar impulso a partir da chegada da família real portuguesa, no início do século XIX no Rio de Janeiro. As transformações econômicas são evidentes. Inicia-se o processo de interiorização da Metrópole, onde acontece consolidação de blocos de interesses que, mais adiante, participaram do processo de Independência do Brasil. Por sua vez, a administração joanina, com o intuito prévio de solidificar o Império Português no Brasil, cuidou de investir no campo educacional, privilegiando a formação das elites políticas e intelectuais, desse modo, são instaladas instituições como:

[...] a Academia Real de Marinha (1808), a Academia Real Militar (1810), os cursos de Economia, Agricultura e Química (1808/1810), a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Biblioteca Pública (1810), o Real Jardim Botânico (1810), a Missão Artística Francesa (1816), os cursos Médicos-Cirúrgicos do Rio de Janeiro e da Bahia (1808) e o Museu (1818). A vinda de missões estrangeiras de estudos e pesquisa e a implantação da Imprensa Régia intensificaram a circulação de livros e interesse pela importação de livros para a formação de bibliotecas particulares ou para o comércio (BESSONE, apud, GONDRA E SCHUELER, 2008, p. 24).

Contudo, a instrução pública e o ensino das primeiras letras, que se remetia a instrução da população, prosseguiram com o sistema de aulas régias.

Segundo Gondra e Schueler (2008), com a Independência do Brasil, em 1822, continua o regime monárquico, com a permanência do Dom Pedro I, mas agora era o Império do Brasil. Como consequência dessa mudança acontece revoltas regenciais nesse processo de



Independência, que gerou uma busca de identidade, para identificar quem era o ser brasileiro? Caracterizando o processo de formação da nação.

A construção do Império do Brasil foi marcada pela criação de instituições que prezavam pela formação da elite, que, por sua vez, iria conduzir o país, ocupando os cargos de prestígio. Pensando na necessidade desse aparato administrativo foram criados os cursos superiores de Direito, em Pernambuco e São Paulo, e o de Medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro. Essa estrutura institucional passa a compor a formação da elite brasileira, que irá desenvolver o processo civilizatório na construção do cidadão brasileiro. E para formar esse povo foram constituídas as aulas públicas, escolas, liceus, colégios, instituições de ensino primário, secundário e superior, com a intenção política de construir a nacionalidade e os espaços públicos.

O objetivo da política de estabelecimento da instrução pública nas primeiras décadas que se seguiram à Independência consistia em produzir identidades e laços de interdependência sociais, integrando os brasileiros, o povo, conjunto dos cidadãos ativos e inativos ao Estado (GONDRA e SCHUELER, 2008, p. 29).

Durante o Período Regencial (1831-1840) e o Segundo Reinado (1840-1889) aconteceram projetos políticos que passaram a incentivar as instituições educacionais, culturais e científicas. O marco inicial foi dado com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, e na perspectiva da organização do ensino secundário ocorreu a criação do Colégio Pedro II em 1837, ambas as instituições com suas especificidades contribuíram para a produção da memória nacional, marcado pela exaltação ao Império e a figura de rei. Ocorria desse modo à construção de uma rede de símbolos e representações culturais, que auxiliaria na construção da identidade do cidadão brasileiro.

A partir da Constituição, outorgada em 1824, “a instrução primária era gratuita a todos os cidadãos”, com exceção dos negros e escravizados. Esse aparato legal passou a ditar a abrangência e os limites da cidadania, e também define o direito à educação escolar. Trata-se de uma legislação profundamente moderna para um país de estrutura social escravocrata e excludente nos espaços sociais, culturais, econômicos e educacionais.

É importante destacar que houve lutas e protestos em torno das definições da cidadania imposta na Constituição de 1824, inclusive entre negros e mestiços, assim como houve disputas pela delimitação do público-alvo das escolas e pelo alargamento dos direitos à educação escolar ao longo de todo o

Oitocentos, abrangendo as propostas para educar e civilizar índios, libertos e rever a instrução oferecida às mulheres. (GONDRA e SCHUELER, 2008, p. 30).

Com o Ato Adicional de 1834 – Lei n. 16, de 12 de outubro de 1834 – acontece a redefinição das competências educacionais, passando a ser responsabilidade das Províncias a organização do ensino primário e secundário, e à Corte a gestão do ensino superior em todo o país. Segundo Grondra e Schueler (2008), a proposta do Ato Adicional de 1834, que descentraliza a administração da instrução pública, foi um obstáculo ao desenvolvimento da educação escolar no Império Brasileiro, devido às diversidades regionais, ao investimento orçamentário destinado a esse fim, ou ainda o interesse das elites políticas em difundir a instrução primária e secundária, o que acarretou o predomínio das múltiplas formas de educação em instância familiar, religiosa, artesanal, profissional, entre outras, característica que persistiu ao longo do século XIX. Podemos confirmar que a construção das formas escolares no país não foi uniforme, o resultado foi à desigualdade da estrutura educacional entre as Províncias, qual se mostrará visivelmente no século XX.

Moacyr (1939) nos estudos dos relatórios provinciais realiza um comparativo em 1870 e analisa critérios que designa a estrutura educacional nas principais Províncias do país. Por sua vez Alagoas destinava pouco mais de 16% de sua receita para investir na instrução pública. Havia 2.403 habitantes para uma escola, comparando a população livre e o número de escolas, e 51 alunos para cada escola, analisando o número de matriculados e sua frequência. Desse modo, o autor conclui que a província alagoana era uma das que mais investia na instrução do povo no período imperial.

Dos três cálculos comparativos acima indicados chega-se aos resultados seguintes: 1º que atentos aos orçamentos das receitas e despesas de todas as províncias e as verbas que estas consignam para as despesas com a instrução a província de Alagoas é a que mais dispense com este ramo do serviço público; 2º que também não é a que possuem maior número de escolas públicas em relação à população livre; 3º que, entretanto é a segunda província que maior número de alunos apresenta em relação às escolas públicas de primeiras letras que possuem (MOACYR, 1939, p. 35).

Em Alagoas com a vinda de D. João VI, passaram a existir uma cadeira de Língua Latina e uma escola de primeiras letras na vila, esta é do final do século XVIII, de Santa Luzia do Norte, ministrada por Antonio Bartolomeu. Naquele momento o país passou a cuidar do ensino público, porém não começou pela escola primária. Assim, a educação brasileira

creceu de cima para baixo, a base não se edificou, as obras educacionais consistiram em criar cursos de Retórica, Filosofia, Latim, Francês, Matemática, Academias, Museus, Imprensa. (COSTA, 1961, p. 3). A partir de 1817, com a criação da capitania de Alagoas, a instrução pública recebeu mais investimento.

Segundo Souza (2008) o ensino secundário se apresentava restrito a alguns grupos sociais e com uma finalidade específica: preparar os jovens para os cursos superiores. A escola secundária no início da República mantinha um precário estudo literário e científico desvinculado de uma utilidade imediata, e aconteceu com a disputa entre estrutura do ensino e a questão do currículo. Naquele momento, as atenções se voltavam para a reestruturação do ensino secundário, com as reformas educacionais. Nas primeiras décadas do século XX existiam dois sistemas paralelos de organização do ensino secundário: os estudos regulares em ginásios e alguns poucos colégios privados que se equiparavam e os estudos parcelados predominantes dos particulares. Nesse contexto o Colégio Pedro II realiza a revisão no plano de estudos e norteava a organização do curso secundário em todo o país.

### **1.1 Liceu e Colégios Alagoanos: local de produção intelectual**

Na tentativa de melhor compreender os impressos estudantis alagoanos em estudo, é importante desenvolver um histórico do contexto das instituições escolares que atuaram em Maceió, nas quais os periódicos estavam vinculados, como o Liceu Alagoano, a Escola Central, os Colégios São Domingos e o Bom Jesus, todas do período imperial. Das instituições republicanas vamos abordar sobre a situação do Liceu Alagoano, na República e o Grupo Escolar Rural de Maceió.

No início do Império o ensino secundário se encontrava precário e desorganizado, com um sistema de exames parcelados e preparatórios para o ingresso nos cursos superiores. Limitava-se nos liceus e aulas avulsas a ministrar as disciplinas exigidas e fixadas nos Estatutos e cursos superiores. Nesse período ocorreu a proliferação dos colégios particulares e a iniciativa privada começou a se consolidar. Como assinala Vechia (2005) a instrução pública se apresentava desestruturada:

A instrução pública passou a ser, então, o reflexo da instabilidade políticos, da carência de recursos nas províncias e suas especificidades. [...] Na realidade, esses “liceus” apresentavam uma organização muito frágil; consistiam na reunião de aulas avulsas, ministradas em um local único, sem qualquer integração ou organicidade entre as cadeiras. (VECHIA, 2005, p. 82).

Com apontava Costa (1961), em Alagoas o ensino secundário foi inicialmente encontrado nos conventos, fundados por franciscanos. Em 1835 encontravam-se 10 cadeiras de ensino secundário, destinado aos rapazes ricos, assim distribuídas: 5 aulas de Latim, 02 de Francês, 01 de Retórica, 01 de Filosofia e 01 de Aritmética. A Assembleia Provincial inicia os cuidados com o ensino secundário criando duas cadeiras em Penedo – Filosofia e Francês. Em 1849 o ensino secundário é centralizado com a criação do Liceu.

O Liceu de Maceió começou com 08 cadeiras – Gramática Nacional e Análise dos Clássicos Portugueses. Francês, Latim, Inglês, Aritmética, Álgebra e Geometria, Geografia, Cronologia e História, Retórica e Poética, Filosofia Racional e Moral. Os professores eram nomeados pelo presidente da província. Em 1855 haviam 201 rapazes matriculados, no ano seguinte caiu para 144, o Liceu viveu um período de precariedade, ocorrendo à pretensão de transformá-lo em internato. Com a Lei n. 370 de 04 de julho de 1861, o Liceu provincial foi extinto dos administradores, tendo como argumento a indisciplina dos alunos, uma vez que na instituição os professores não utilizavam dos castigos, para impor a ordem, e de acordo com Duarte (1961) o Liceu foi perdendo terreno para as instituições particulares, as quais punições escolares estavam presentes. Nesse período que o Liceu se encontrou fechado, continuava na capital as cadeiras de Português, Latim e Francês. (DUARTE, 1961).

Conforme Costa (1961), o então Dr. Thomaz do Bomfim Espíndola<sup>3</sup> propõe ao governo um plano de estudo em harmonia com o Colégio Pedro II. Em 1864 o Liceu é reaberto sob o regime do 1º regulamento de 1849. Nesse ano de reabertura do Liceu havia 267 alunos de instrução secundária, sendo 35 habilitados para o exame gerais de preparatório que significava uma permissão para cursos superiores do Império. Em 1870 existiam 06 cadeiras do Liceu, 04 no Colégio de N. S. da Conceição de Penedo e 01 de Francês na Cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro. Nesse contexto Alagoas era a terceira província com maior número de alunos, só perdia para Bahia e Pernambuco.

Duarte (1961) explana que o Liceu tornou-se uma verdadeira fábrica de exames de preparatórios. Esses exames eram realizados nos exames preparatórios os Colégios de Bom Jesus, de São José, Ginásio Alagoano, instituições de Maceió, e em Penedo o Colégio N. S. da Penha, portanto, havia a banca examinadora, a qual era inspecionada por um delegado especial dos exames, enviados pelo Colégio Pedro II. Por sua vez o Liceu de Alagoas recebeu

---

<sup>3</sup> Thomaz do Bomfim Espíndola (1832/1889) foi Deputado provincial e geral, presidente interino da província, médico e jornalista. Participou do projeto da criação da Biblioteca Pública Estadual. Ocupou, ainda, os cargos de inspetor-geral da Instrução; inspetor de Higiene; professor de Geografia, Cronologia e História do Liceu Alagoano. (ABC das Alagoas A-F, 2005, p. 541).

investimentos que melhorou sua instalação, reformado equiparando-se com o Colégio Pedro II, vivendo sua melhor fase.

[...] O Liceu recebeu excelentes instalações – um gabinete de física, um laboratório de química, um gabinete de história natural, uma biblioteca, um pátio de ginástica, uma sala de armas para a educação militar dos alunos e um aparelho cinematográfico para lições práticas. [...] Chegou mesmo a ter uma fase brilhante o nosso Liceu. Depois entrou em decadência, voltando ao seu antigo papel de fabrica de exames. (COSTA, 1961, p. 20)

Com o advento da República o ensino secundário continuou oficialmente no Liceu e nos Colégios particulares, mantendo-se em regime de equiparação ao Colégio Pedro II. Em 1893, os cursos do Liceu foram colocados em harmonia com o do Ginásio Nacional, antigo Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, por sua vez, na República esta instituição retornaria com o referido nome, passaram a ser seriado em seis anos. Em 1897 criou-se anexo ao Liceu o curso de Agrimensura, depois de Ciências e Letras e o curso Comercial. A política administrativa do Liceu Alagoano permanece com esta. Apenas em 1954 a instituição perde sua equiparação ao Colégio Pedro II, e passa a ser Colégio Estadual de Alagoas e Instituto de Educação, não nos deteremos aos detalhes, em respeito ao objeto de estudo deste trabalho.

Por sua vez, as instituições particulares de Maceió que lançaram impressos estudantis, e aos quais tivemos acesso, foram os colégios de Bom Jesus e São Domingos, *O Dever* e *O Collegial*, respectivamente. Além da Escola Central, instituição destinada a instrução primária dos escravos livres da província, patrocinada pela *Sociedade Libertadora Alagoana* (1881), que publica o periódico estudantil *A Escola*.

O Colégio de Bom Jesus foi fundado em 1872, em Maceió, por Francisco Domingues da Silva<sup>4</sup> e Manuel Baltazar Diégues Junior<sup>5</sup>. A instituição, uma das sedes dos Exames Gerais de Preparatórios, criados em 1854, estabelecia um clima de rivalidade entre os demais estabelecimentos particulares de ensino secundário, como o Colégio São Domingos, Sete de Setembro, São José e o Ginásio Alagoano.

Uma comprovação dessa rivalidade, encontramos em algumas notas na “sessão livre” do jornal *Gutenberg* de 1884, onde o Colégio Sete de Setembro se pronuncia contra o grêmio

<sup>4</sup>Francisco Domingues da Silva (1847/1918) Deputado estadual, jornalista, professor. Foi vice-diretor do Colégio São Domingos e fundador, em 1872, e diretor do Colégio Bom Jesus, em Maceió. Um dos criadores da Sociedade Libertadora Alagoana. No Colégio Bom Jesus criou a Escola Central, onde os filhos dos escravos eram educados. (ABC das Alagoas: p. 457)

<sup>5</sup>Manuel Baltazar Diégues Junior (1852/1922) Deputado provincial e estadual, professor, jornalista, advogado. Fundador do Colégio Bom Jesus, do qual foi diretor por vários anos. No Liceu Alagoano foi catedrático de Geografia. Colaborador na Campanha Abolicionista, sendo um dos membros da Sociedade Libertadora. (ABC das Alagoas: p. 451)

estudantil do Colégio de Bom Jesus. Menciona “que o estabelecimento nunca foi um hotel nem grêmio de distração e intrigas”, em defesa o diretor da instituição de Bom Jesus, Francisco Domingues da Silva justifica a criação do grêmio como um local de produção intelectual e construção de amizade entre os alunos. Por sua vez, em resposta o diretor do Colégio Sete de Setembro, José Estevão de Araujo Silva cita que a primeira matéria foi publicada em razão da indisciplina dos alunos do Colégio de Bom Jesus e a tentativa dos mesmos de “corromperem a ordem da casa e viciar outros alunos”. Constatamos, desse modo, que a atmosfera de rivalidade entre os colégios estavam intimamente ligados à relação entre os alunos, segundo Madeira (2008) entre os periódicos estudantis havia uma disputa de prestígio institucional, a fim de ampliar sua rede de inserção social.

O Colégio de Bom Jesus recebia alunos internos, semi-internos ou externos, em seu anúncio no jornal *Diário das Alagoas* de janeiro de 1879 é divulgado que a instituição disponibilizava o cursos primário e superior de preparatório admitidos nas academias do Império. Pregava uma “Educação física, intelectual e moral”, características valorizadas na época, suas instalações disponha de capela para culto religioso, aparelho de ginástica para educação física e “teatrinho para exercício da declaração”. E apresenta ainda as materias escolares ofertadas pelo colégio: Primeiras letras, Português, Latim, Francês, Inglês, Geografia, História, Aritmética, Álgebra, Geometria, Filosofia e Retórica, além de música e desenho. Identificamos, portanto, um aspecto religioso marcante, que auxiliava na manutenção da ordem e na construção da identidade moral dos alunos.

O Colégio de São Domingos tinha como diretor e proprietário Domingos Bento da Moeda e Silva<sup>6</sup>, que foi fundada em 1863. A instituição admitia alunos internos, meio-pensionistas e externos, instrução destinada ao sexo masculino. Em nota no *Diário de Alagoas* de 05 de agosto de 1869, o anúncio destaca “é um estabelecimento que tem realmente concorrido muito para educação da mocidade alagoana; ali bebem os moços profícuas lições de moral e de religião”. Confirmando o prestígio e espírito de rivalidade entre essas a instituições de ensino, em um simples anúncio propagava suas melhores qualidades, se colocando como um estabelecimento superior aos demais.

---

<sup>6</sup>, Domingos Bento da Moeda e Silva (1839/1923), foi parlamentar, professor e diretor de colégio em Maceió. Fez os preparatórios no Liceu Alagoano. Abolicionista e republicano. Fundou o Colégio São Domingos, em 1863. Ministrava aula de Português no Liceu Alagoano, durante meio século, tendo deixado de dar aulas somente em 1890, quando pediu exoneração. Foi sua a ideia de criação do Orfanato São Domingos, que não chegou a ver inaugurado. (ABC das Alagoas: p. 568)

A Escola Central publica o periódico estudantil *A Escola*, a instituição foi criada em 1887 pela *Sociedade Libertadora Alagoana* (1881), fundada pelo grupo abolicionista e republicano, dentre os membros destacamos Francisco Domingues da Silva, que atuou também como diretor do Colégio de Bom Jesus e da Escola Central, que funcionava anexa ao colégio. Por sua vez a escola foi destinada a atender as crianças negras, livres, beneficiadas pela Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, e previa a educação dos “ingênuos” libertos do cativoiro.

Como a sugestão inicial deste tópico, era desenvolver um histórico de todas as instituições de ensino secundário envolvidas com a produção de impressos estudantis ao longo do Império e da República, esclareço que não foi possível desdobrar o contexto do Grupo Escolar Rural de Maceió, uma vez que o único registro do estabelecimento se encontra nos exemplares do próprio periódico *O eco escolar* (1945).

## **1.2 Atuação dos docentes no ensino secundário Alagoano**

Segundo Vilela (2005), durante a segunda metade do século XIX, algumas províncias viviam o processo de transição do modelo artesanal na formação de seus professores, pautada no pragmatismo, para o procedimento de substituição para o modelo profissional, onde o mestre sugere o alargamento dos conteúdos, pautado de uma ética profissional e métodos pedagógicos específicos. Desse modo, a situação que antecedeu essa realidade, assim se descreve:

No Brasil, o envio dos professores régios portugueses no século XVIII e início do XIX consolidou o primeiro movimento de secularização da profissão docente, ainda sob o regime colonial. Após a Independência, a Lei Geral do Ensino, de 1827, procurou normalizar as bases da intervenção estatal estabelecendo a obrigatoriedade da instrução de primeiras letras e a necessidade da formação dos professores pelo método lancasteriano. No entanto, se em termos legais o caminho estava aberto, as primeiras iniciativas só ocorreriam após a descentralização administrativa proposta pelo Ato Adicional de 1834. (VILELA, 2005).

Nesse contexto, a iniciativa de profissionalização dos docentes acontece com o aparecimento das Escolas Normais no Brasil. A primeira é criada na província do Rio de Janeiro, em 1835. Como aponta Duarte (1961) em Alagoas no ano de 1869 surge anexo ao Liceu Alagoano o Curso Normal. Só a partir de 1912 passa a ser chamada de Escola Normal. O Curso Normal era dado em dois anos, por sua vez as disciplinas estavam assim distribuídas:

no primeiro ano – 1ª cadeira: Aritmética, Geometria e Sistema Métrico Decimal; 2ª cadeira: Desenho Linear, Caligrafia, Método de ensino e suas vantagens comparativas e catecismo; no segundo ano – 1ª cadeira: Aritmética, Geometria e Sistema Métrico Decimal; 2ª cadeira: Noções Gerais de Geografia e História do Brasil, especialmente de Alagoas. Como registra Duarte (1961) os professores que atuavam no Curso Normal eram os mesmo do Liceu Alagoano.

Madeira (2008) destaca em seu estudo sobre o itinerário do educador alagoano Francisco Domingues da Silva (1847/1918), que ele dedicou sua vida profissional à administração do ensino particular e filantrópico na cidade de Maceió. Empenhou-se em atividades ilustres na elite alagoana. Seguindo esse mesmo percurso intelectual os poucos homens letrados estavam envolvidos em quase todas as atividades de grande prestígio para a época, tanto nos setores público, privado ou filantrópico, consideramos, portanto que esse era o perfil dos docentes que conduziram a instrução pública em Alagoas. Desse modo apresentamos as atividades que eram exercidas pelos docentes, com base em Madeira:

Quando se trata de instrução pública no Brasil do século XIX, é preciso cuidado para se compreender que, àquela época, havia um emaranhado de relações, nas quais os poucos homens de letras estavam envolvidos em quase todas as atividades intelectuais, que no âmbito público, privado ou filantrópico. Cuidavam de ordenar os liceus, as escolas normais, as escolas primárias públicas e sua legislação, os colégios secundários particulares, publicavam obras didáticas, com o fim de ordenar o tipo de saber a circular nas escolas, assumiam simultaneamente o cargo de professores, parlamentares, administradores públicos, inspetores escolares etc. (MADEIRA, 2008, p. 53).

O ensino secundário é impulsionado pela projeção dos cursos superiores – Medicina e Direito –, na tentativa de garantir aos filhos da elite uma formação que lhes proporcionasse prestígio e título para assim ocupar os melhores cargos sociais. Os colégios criados na província brasileira seguiam o modelo do Colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro, que por sua vez seguia o modelo dos imponentes colégios europeus. Os professores dessas instituições faziam parte de uma elite intelectual, cuja intenção era formar outra geração com esse perfil.

### **1.3 Formação dos discentes no ensino secundário em Alagoas**

A tentativa de homogeneização da formação escolar no Brasil saltava aos olhos quando se observava o currículo tanto dos liceus quanto dos colégios particulares, numa época em



que legislação de ensino para a Corte não deveria ser obrigatoriamente seguida nas províncias. Mas a influência do Colégio Pedro II no ensino secundário brasileiro levava a instituir o seu currículo a nível nacional. O currículo adotado incorporava os estudos clássicos: Gramática, Retórica, Poética, Filosofia, Latim e Grego e os estudos modernos que incluíam, além de dois anos de Gramática Nacional, duas línguas "vivas": Francês e Inglês, História e Geografia e Filosofia, Matemáticas, Ciências Naturais, e ainda Música e Desenho. A inclusão das línguas "vivas", Francês e Inglês, era o reconhecimento de que ambas eram necessárias para o acesso ao conhecimento das Ciências e Artes, em estilos e planos diferentes acomodados a todas as capacidades. As Ciências Naturais e a Matemática também foram contempladas, pois de acordo com as idéias liberais em voga na Europa, além do conhecimento das Humanidades, esses campos de estudos eram necessários para o desenvolvimento científico em todos os países.

Uma característica marcante mantida não apenas no Brasil, mas uma herança tradicional dos colégios dos países ocidentais foi à literária. A prática da formação dos alunos, deste o século XVI, era ler os clássicos e se pautaram neles para criar seus textos, uma forma de apropriação do saber por meio da dedicação na leitura de autores clássicos, educação moral apreendida com o estudo dos textos clássicos de Cícero, Ovídio, Horácio, Virgílio, Homero, Tito Lívio, lidos e memorizados. (SOUZA, 2008, p. 93). Os estudantes do ensino secundário receberam uma formação mais literária do que científica. Daí a importância excessiva ao domínio das línguas e arranjos poais.

Segundo Durkheim (1995) é o período da Renascença Francesa, séculos XVI à XVIII, que se torna base de ruptura com a tradição medieval foram os estudos enciclopédicos e clássicos que sustentam a formação do espírito nacional. O autor realiza um estudo que identifica as grandes doutrinas pedagógicas, divididas em duas, a primeira no século XVI com Rabelais e a segunda no século XVII com Erasmo. Em Rabelais divulga a “sede de saber que nada pode saciar”, no intuito de entender a natureza humana para qual atravessa o gosto pela erudição, pelo comedimento e refinamento da linguagem, um gosto pela educação ornamental que será cultivada por Montaigne.

Durkheim (1995) aponta Erasmo de Roterdam como representante da segunda geração pedagógica, a qual renascentista se reduz à cultura literária. Caracteriza-se o formalismo pedagógico que ganhou o mundo, a valorização da arte de escrever e falar que vem ocupar um lugar central no saber.

[...] Não há nada mais admirável, diz ele, nada mais magnífico do que o discurso (*oratio*), quando, rico em ideias e palavras, escoia em abundância, tal como um rio de ouro. “Em outras palavras, a faculdade que deve ser exercitada, desenvolvida antes de todas as outras, é a faculdade verbal; é o que Erasmo declara expressamente no início de seu *Plano de estudos*”. O conhecimento, diz ele, pode assumir duas formas: a das ideias e a das palavras, *rerum ac verborum*. [...] (DURKHEIM, 1995, p. 186).

Como se observa nessa passagem do Socialismo francês a tradição de saber humanístico, enciclopédico, ornamental vem desde o século XIV. Durkheim (1995) lembra que triunfou o modelo da sociedade polida, civilizada. Desse modo, na Europa os homens letrados formavam um grupo social que passa a ditar a forma de educar em diversas civilizações no mundo. A formação do mestre desenvolve o gosto do aluno para os clássicos greco-romanos que passa a “aprimorar” a formação do jovem, ou seja, o formalismo literário, este significava uma tentativa de imitação dos clássicos. Imitação porque eles não se apropriavam do sentido político, social e cultura do mundo antigo. Entendendo que o grande valor dado ao saber literário, havia embutido o sentido de civilidade das crianças, por meio do estudo dos clássicos. O mais importante era ter acesso ao modo como os clássicos escreviam.

Para atender as exigências e alcançar a civilização dos jovens, entende-se que as instituições de ensino precisavam selecionar as disciplinas a serem trabalhadas durante a formação dos alunos, em particular dos secundaristas. O currículo que pautava a formação dos estudantes secundaristas compreendia o estudo do Latim, da Língua Portuguesa e das línguas modernas, especificamente Francês, Inglês e Alemão, complementando com o estudo da Literatura, História, Geografia e Filosofia. Estudavam também Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria), Mecânica, Astronomia, Física, Química e História Natural, por sua vez, as Ciências, se mostravam como uma formação complementar importante, porém não fundamental. Para Souza (2008) a formação da elite letrada precisava desenvolver a eloquência e o domínio da língua, por que essa parte privilegiada da sociedade deveria se ocupar com a administração dos negócios públicos e privados, da direção de vilas e das decisões da justiça. Eles deteriam um saber que seria modelo para os demais da elite provincial.

Segundo Souza (2008), em 1890, Benjamim Constant suplementava uma reforma no Brasil de orientação positivista. Ele buscou ampliar a formação científica da educação secundária. Vale lembrar outras medidas relevantes com o exame de madureza (realizados no final do curso, para aferir o desenvolvimento intelectual dos estudantes e maturidade –

conferia o grau de Bacharel em Ciências e Letras), ocorreu também à eliminação dos Exames gerais de preparatórios. Com a Constituição Republicana de 1891 os estados da federação continuaram responsáveis pela instrução primária e secundária e a União pelo ensino superior.

Em 1915, Carlos Maximiliano reorganiza os ensinos secundário e superior. Elimina o ensino da Língua Grega e mantém o Latim, Português, Francês, Inglês e Alemão, priorizando, desse modo, a tradução de autores clássicos. O domínio das letras se caracterizava principalmente pela apropriação da cultura literária. Isso significava uma posição social privilegiada de caráter seletivo, através do estudo dos clássicos que estimulava a eloquência e a verbalização, comprovado nos exames como exaltação do mérito.

Em 1925 as reformas do sistema escolar brasileiro pouco alteram a estrutura do ensino distinto secundário, ratificando o sentido unitário, para a formação das elites dirigentes que desfrutava de tempo para uma formação prolongada e voltada para o nível superior. Porém, na reforma havia a introdução de disciplinas no currículo escolar. Duas que merece destaque é a Instrução Moral e Cívica e a Sociologia. Na tentativa de atender aos anseios do nacionalismo e civilismo que estava em efervescência no país na década de 1920, o curso secundário introduz na primeira série do ensino secundário a disciplina de Instrução Moral e Cívica. O referido conteúdo buscava intervir na construção da identidade nacional do indivíduo, fundamental na formação do cidadão republicano.

O programa de ensino da instrução moral e cívica, no curso secundário, constará de ampliação do ensino ministrado no primário acrescido de noções positivas dos deveres do cidadão na família, na escola, na pátria e em todas as manifestações do sentimento de solidariedade humana, comemorações das grandes datas nacionais, dos grandes feitos da história pátria e universal, homenagens aos grandes vultos representativos das nossas fases históricas e dos que influíram decisivamente no progresso humano. (BRASIL, apud, SOUZA, 2008, p. 112).

A disciplina de Sociologia no curso secundário, no 6º ano, foi introduzida a partir da reforma do sistema escolar brasileiro, em 1925, que passou a valorizar as ciências sociais, realizando estudos na área da Sociologia. Como interesse político na década de 1920 era explícito e almejava intervir na construção da identidade nacional. Por meio da Sociologia havia a possibilidade de manipular, e gerenciar o desenvolvimento cognitivo do homem, dificultando seu interesse pela ciência e suas particularidades. Era fundamental que os jovens, futuros dirigentes, tivessem o domínio das ciências sociais, e isso era refletido nos impressos

estudantis, que por sua vez tinham características republicanas de amor e idolatria à Pátria, à família e ao trabalho.

Durante a primeira República o ensino secundário se caracteriza por uma multiplicidade de instruções com pouca uniformidade. Alguns colégios funcionavam de forma independente e ofertavam estudos parcelados. Não havia uma fiscalização efetiva, no que diz respeito aos estabelecimentos equiparados ao Colégio Pedro II. Devemos considerar também a “autonomia” dos professores secundaristas em relação ao conteúdo e metodologia empregada nas disciplinas. A maioria dos mestres era autodidatas, parte dos professores catedráticos tinham formação superior nas Faculdade de Direito, Medicina e Engenharia. Os de mais, sequer tinham uma preparação pedagógica nos cursos normais do Brasil.

A cultura literária brasileira revestiu-se de valores republicanos e de novas práticas simbólicas. Considerando o perfil da juventude, está mantinha-se impregnada de valores simbólicos sobre a arquitetura dos prédios escolares, por sua vez, estabelecimentos que contavam com uma boa distribuição dos espaços interiores, e com os aspectos arrojados para época. O corpo docente, os quais exerciam outras atividades que consolidava seu prestígio aos olhos dos alunos e da sociedade. A importância das instituições que funcionavam como internato e se tornaram grande opção para a formação dos alunos que vinham do meio rural. Além, do valor impregnado nos detalhes dos fardamentos, o uniforme se tornavam complemento indispensável às práticas de visibilidade e enaltecimento das instituições de ensino.

Nesse cenário a educação para elite imperial receber o título de Bacharel em Letra, posteriormente nomeado Bacharel em Ciência e Letras, quando acrescido o estudo científico, por sua vez um símbolo que demonstrava o domínio da cultura literária, passando a integrar a reunião de intelectual na sociedade, ao término do curso os bacharéis desenvolviam as seguintes habilidades:

A atuação do corpo docente freqüentemente transcendia os muros das escolas, visto que muitos professores exerciam, além do magistério, profissões liberais, ou se dedicavam ao jornalismo e à política, circulando, pois, numa rede de sociabilidades em que o prestígio individual, a liderança política e econômica e os desígnios do país amalgamavam-se num mesmo projeto ancorado nos idéias de progresso e civilização. (SOUZA, 2008, p. 124).

A estrutura do ensino secundário em resposta ao perfil da identidade estudantil, que passou a ser reconhecida pela sociedade por sua irreverência no comportamento e uniforme,

estilizado entre normas de civilidade, a eloqüência literária e a rebeldia própria da juventude, era um regulamento pautado de normas que buscava a construção de um espaço educacional asséptico, ordenado e regido por regras morais. O grupo estudantil do ensino secundário brasileiro era marcado pelo congraçamento intelectual, a criação de grêmios e associações estudantis, a prática de esportes, as sessões artísticas – culturais literárias, impressos e debates políticos.

O primeiro capítulo se mostra esclarecedor nos pontos aos quais propomos a explorar, visto que, diante do aprofundamento do trabalho existem pontos que não foram devidamente esclarecidos. Compreendemos desse modo, que os Liceus e Colégios foram sim locais de produções intelectuais com atuação dos docentes e discentes, um trabalho de aprimoramento da formação desses estudantes.

## CAPÍTULO II

### A HISTÓRIA DA IMPRENSA EDUCACIONAL NO BRASIL

Este capítulo tem o propósito de contextualizar as nuances da evolução da imprensa educacional e sua relação com os impressos estudantis no âmbito brasileiro à realidade alagoana. Contextualizaremos também as ações das agremiações, que estavam ligadas à realidade das instituições de ensino e interferiam com intensidade na elaboração e perpetuação dos jornais confeccionados pelos alunos.

Como aponta Tenório (1996) o avanço social está intimamente ligado ao desenvolvimento da imprensa, uma vez que com a difusão das ideias e das informações acontece simultaneamente à expansão do individual em sociedade. Nessa perspectiva compreendemos que o progresso dos meios de comunicação se mostra dependente ao desenvolvimento do transporte, da construção de ferrovias e rodovias. Para a informação chegar aos povoados, vilas e na província precisava ser transportada, e o alargamento dos meios de transporte ferroviários marcou o país nesse aspecto, dessa forma, a imprensa reflete as transformações culturais da época.

A imprensa alagoana, que alcançou extraordinário progresso durante meados e fins do Segundo Império é uma riquíssima fonte de informações sobre o surto de atividades novas que a província de Alagoas conheceu naquele período. Os numerosos jornais do interior e da capital retratam não só os sinais de mudanças de uma sociedade eminente agrária, quase feudal e colonial, como também as lutas travadas, as estratégias, as manobras, às vezes claras, às vezes sutis, de grupos e pessoas interessados no controle dos empreendimentos inovadores. Não se deve esquecer, pois, ao estudar as principais passagens do advento da era ferroviária em Alagoas, a presença destacada da imprensa da província nas lutas travadas para esse fim. (TENÓRIO, 1996, p. 107).

Sodré (1999) elucida que no início do Império a imprensa se limitava a interesses políticos, existia uma grande diferença entre a imprensa política e literária. No segundo Império as “boas” letras vão ganhando espaço nos jornais. É explícito o declínio do jornalismo político, como explicar os embates políticos respostas na imprensa alagoana do Império, até mesmo nas províncias “atrasadas”. Destacamos o exemplo *O Alagoano* (1843), que contava com a direção de José Tavares Bastos, e que tinha a proposta de destruir a oligarquia Sinimbu em Alagoas, e para isso precisava de uma escrita literária para atingir a todos os leitores, esse perfil segue em todo o país. Constatamos dessa forma o explícito jogo de interesse dentro do jornal, refletido em suas publicações. Conforme registros de Duarte (1961) o primeiro jornal

alagoano foi o *Iris Alagoense* (1831), que a principio se mostrava literário, mas era um órgão exclusivamente político e faccioso, atendendo a interesses partidários.

Duarte (1961) ressalta nesse período a importância dos periódicos estudantis, porém chama a atenção sobre a falta de cuidado com os conteúdos. Vivíamos um período literário em todo país, e os periódicos elaborados pelos alunos, que surgiram em Alagoas durante a segunda metade do século XIX, só levava o nome de periódico literário, na verdade acontecia um descuido com a linguagem e com os temas abordados nesses impressos. Podemos citar alguns impressos estudantis que surgiram nesse período e desapareceu na mesma proporção do seu aparecimento, seguindo o padrão nacional à época, que correspondia proliferação de periódicos estudantis, onde muitos deles duravam pouco tempo de publicação.

Duarte (1961), em seu estudo avalia a produção do Império de República, contata a perda do sabor literário nas publicações desses periódicos, o distanciamento do caráter primordial que era da literatura, uma vez que o ensino dado nas instituições de ensino envolvido com os lançamentos dos impressos estudantis trabalhava a instrução humanística, que trabalhava com o estudo dos clássicos, dando suporte aos alunos para as boas letras ou as belas letras. Destacamos um trecho de sua obra que revela um pouco da indignação diante do movimento jornalístico de caráter puramente literário, que, no entanto o termo “puramente” ficava só na força da expressão.

Na segunda metade do século passado como na primeira do século atual, tivemos vários periódicos literários e artísticos e dos antigos nenhum, sem exceção, subexistiu até aos nossos dias. Desse numero, muitos não passaram de zeros a esquerda. Dir-se-ia que os escritos literários só o eram em nome, tal o descuido na linguagem e, ainda mais, tamanha a indigência mental. (DUARTE, 1961, p. 12).

Em contra partida, mesmo diante desse descuido literário, surgem nesse contexto Império ou República os homens de letras, cujo seu primeiro passo na carreira é no jornalismo. A imprensa literária começa a ganhar espaço, e acolhe o que há de melhor na literatura. Nesse momento grandes nomes aparecem: José de Alencar, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Gonçalves de Magalhães, Rui Barbosa, Euzébio de Queiroz, entre outros. Com a entrada desse novo perfil de fazer jornalismo, ocorre à proliferação de impressos estudantis, o envolvimento inicial dos alunos nas duas Academias de Direito, em São Paulo, por volta de 1860, segundo Sodré (1999).

Nessa perspectiva, segundo Duarte (1961) surgem os clubes literários que carregavam os nomes dos ilustres escritores, passando a ser moda dar ao nome do jornal o mesmo do patrono. Como exemplo, o Clube Literário José de Alencar, com o jornal *Jose de Alencar* (maio de 1883) seu diretor era José Simões. Havia ainda os jornais literários *Castro Alves* (novembro de 1883) e *Casemiro de Abreu* (15 de julho de 1884), ambos pertencentes ao Órgão das Sociedades Literárias Castro Alves e Casemiro de Abreu. Por sua vez, o Clube Literário Gonçalves Dias decidiu fugir a regra e nomeia o jornal literário de *A Instrução* (julho de 1884). Lançar o nome de grandes figuras literárias da época significava certa apologia, marcas de leitura nas aulas dos colégios e talvez um desejo de tornar-se semelhantes aqueles homens da literatura brasileira.

O Império assiste ao aparecimento e à veloz expansão das publicações periódicas, caracterizada, a princípio, como a tipografia da Corte. A imprensa periódica se colocava como componente essencial para a cultura política do século XIX, e o conteúdo circulado tinha uma conotação de atividades políticas. As campanhas nas quais esses intelectuais se engajavam eram representadas e anunciadas na fundação e circulação de periódicos. Após a Independência do Brasil a imprensa foi conduzida pelo valor educativo nela contido. Os jornais eram vistos como fontes de conhecimento, e o cargo do jornalista se confundia com o do educador.

A imprensa periódica passa a ser vista como atuante da história e não apenas como registro dela. Procura-se embutir naqueles impressos a produção de sentido específico, que buscava produzir e reproduzir uma mentalidade que expressava a opinião dos grupos sociais de maior poder social, político, econômico e religioso daquele cenário. Os escritos jornalísticos tinham a função de compensar a falta de escolas e de livros, portanto, visavam educar o público leitor, dentro de um projeto civilizatório (JINZENJI, 2010).

De modo geral, a imprensa periódica brasileira parece ter se vinculado fortemente à cultura escola, confundindo-se com ela. Basta ver a quantidade de impressos vinculados à escola, produzidos por professores, alunos, Estado, sindicatos, partidos políticos, associações e igrejas. Tais impressos divulgavam conteúdos que nos oferecem vastos dados para compreensão de História da Educação e do Ensino.

A imprensa educacional, segundo Pierre Ognier, é um *corpus* documental de vastas dimensões, pois constitui-se em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social



de uma grupo profissional, desse modo, é um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. (CATANI e BASTOS, 2002, p. 5).

Nesse aspecto, a imprensa educacional se mostra como um veículo de ideias, método e formas de educar o cotidiano educacional e escolar, possibilitando ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado grupo social por meio da análise do discurso que circulavam nos periódicos, vinculados ou não ao ambiente escolar.

**Quadro 1:** Dados sobre os periódicos alagoanos dos séculos XIX e XX.

PERIÓDICOS/ DATA DE CRIAÇÃO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	AGREMIÇÃO	NÚMEROS DE EXEMPLARES E PÁGINAS	TEMA DAS SEÇÕES
Lyceista Alagoano* (1859)	Liceu Alagoano	<i>Periódico Litterario e Recreativo</i>	➤ 01 exemplar (incompleto )	➤ Texto de apresentação
O Collegial* (1867)	Colégio São Domingos	<i>Periódico Litterario, Religioso e Recreativo</i>	➤ 02 exemplares ➤ 04 paginas	➤ Folhetim ➤ Literatura ➤ Poesias ➤ Sonetos ➤ Crônicas
Estrela D'Alva (1868)	Liceu Alagoano	–	–	–
O Pirilampo (1872)	Isaac B. dos Santos	<i>Periódico Literário, joco- sério e noticioso</i>	–	–
O Colegial de São José (1872)	Colégio de São José	<i>Periódico Literário Moral e recreativo</i>	–	–
Aurora Literário (1873)	–	–	–	–
A Escola (1882)	Colégio Bom Jesus	<i>Órgão dos alunos do Colégio Bom Jesus</i>	–	–
O Dever* (1887)	Colégio Bom Jesus	<i>Órgão Litterario, Scientifico e</i>	➤ 05 exemplares ➤ 04 paginas	➤ Expediente ➤ Texto de apresentação

		<i>Noticioso</i>		<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Poemas</li> <li>➤ Parte noticiosa</li> <li>➤ Parte recreativa</li> <li>➤ Literatura</li> </ul>
<b>Estudante*</b> <b>(1888)</b>	Propriedade e Redação de Gastão Guerra e Julio Lopes (não há vínculo institucional)	<i>Folheto Literario de Educação e Recreio</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 04 exemplares</li> <li>➤ 04 paginas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Expediente</li> <li>➤ Texto de apresentação</li> <li>➤ Poemas</li> <li>➤ Oferecimento</li> <li>➤ Charadas</li> </ul>
<b>A Escola*</b> <b>(1892)</b>	Escola Central	<i>Orgam da Escola Central e Revista Litteraria e Scientifica</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 01 exemplar</li> <li>➤ 08 paginas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Expediente</li> <li>➤ Texto de apresentação</li> <li>➤ Carta literária</li> <li>➤ Colaboração</li> <li>➤ Textos traduzidos</li> <li>➤ Sonetos</li> </ul>
<b>Germinal</b> <b>(1904)</b>	Instituto Alagoano	<i>Órgão dos alunos do Instituto Alagoano</i>	–	–
<b>A Escola Alagoana</b> <b>(1908)</b>	Grêmio Tavares Bastos	<i>Grêmio Literário Tavares Bastos</i>	–	–
<b>A Ilustração</b> <b>(1907)</b>	Araujo Soares	<i>Literário, instrutivo e noticioso</i>	–	–
<b>O Primor</b> <b>(1907)</b>	Liceu Alagoano	<i>Órgão dos estudantes do Liceu Alagoano</i>	–	–
<b>O farol do estudante*</b> <b>(1941)</b>	Liceu Alagoano	<i>Órgão Especial dos Estudantes do Liceu Alagoano</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 02 exemplares</li> <li>➤ 20 paginas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Capa</li> <li>➤ Sonetos</li> <li>➤ Expediente</li> <li>➤ Vocês sabiam...</li> <li>➤ Atualidades</li> <li>➤ Vida social</li> <li>➤ Festa dos conluintes</li> <li>➤ Crônica</li> <li>➤ O farol esportivo</li> <li>➤ Teatro no ar...</li> </ul>

<b>O eco escolar*</b> (1943)	Grupo Escola Rural de Maceió	<i>Órgão Oficial dos alunos do Grupo Rural Modelo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 05 exemplares</li> <li>➤ 6 páginas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Capa (tema do periódico)</li> <li>➤ Expediente</li> <li>➤ Texto de apresentação</li> <li>➤ Nossas atividades</li> <li>➤ Ensino religioso</li> <li>➤ Enigmas</li> </ul>
---------------------------------	---------------------------------	---	--	---

\*corresponde aos impressos que vamos analisar.

O quadro acima apressa parte do que circulava na província alagoana, não muito diferente das demais províncias do país, onde os lançamentos de impressos estudantis aconteciam com intensidade. Encontramos periódicos estudantis que estavam vinculados a instituições escolares e outras que contam com a colaboração de pessoas ilustres, aos quais, não encontramos informações de seu envolvimento com os estudantes, se era ao certo elaborados pelos alunos ou se as publicações correspondiam a uma homenagem aos estudantes, figuras de prestígio a época.

Em Alagoas uma vasta quantidade de impressos periódicos estudantis foi encontrada, como acima citado. A tabela lista os periódicos estudantis que é a fonte, é o objeto de nosso estudo, além de ajudar a melhor visualização do tipo e quantidade de material acessado, a estrutura dos impressos, as instituições nas quais se vincularam, o tipo de temática abordada e tamanho do periódico em circulação.

## 2.1 As agremiações estudantis e sua relação com a imprensa

Através das agremiações a imprensa lançavam os jovens estudantes na vida pública, com os periódicos estudantis, que divulgavam a vida escolar e debatiam na escola fatos e problemas sociais. Desse modo, o caminho desses jovens que adquiria essa ampla formação cultural, era o ensino superior e o exercício de funções políticas, administrativas e intelectuais do país, predominando da presença dos rapazes. Portanto, serão focalizadas as sociedades e associações culturais, filantrópicas ou pedagógicas, que tiverem como finalidades declaradas a educação e a instrução.

Investigar as forças educativas oriundas da iniciativa da sociedade significa seguir as trajetórias de indivíduos e grupos, buscando mapear suas idéias, tradições, comportamentos e formas de organização, de modo que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação

de identidades em determinados momentos históricos (GOMES, apud, GONDRA e SCHUELER, 2008, p.63).

As transformações dos espaços públicos geraram uma forte intervenção do papel da imprensa, dos atores políticos e das múltiplas formas de sociabilidade, formais e informais, que emergiram no cenário brasileiro entre os anos de 1820 e 1840. (GONDRA E SCHUELER, 2008, p. 64). O espaço de sociabilidade formal se caracterizava por serem associações estabelecidas e institucionalizadas a exemplo das lojas maçônicas, dos grêmios, das academias, das sociedades corporativas ou profissionais, a imprensa periódica, as tipografias, os saraus, o teatro e as artes. Já as formas de sociabilidade informais, destacamos os vários espaços e lugares públicos e privados, como as redes de relações familiares e sociais, as festas, os espaços públicos e as manifestações populares.

Dentro desses espaços de sociabilidade podemos destacar as agremiações como instrumento civilizatório, pela interação profissional, e por sua vez seus interesses não se restringiam a fins específicos, os membros pertenciam à elite, o que, porém, não significava necessário pertencimento. Podemos limitar os objetivos das agremiações à difusão da civilização, a idéia de civilizar e disciplinar a população estavam ligados à caridade, a pobreza e a mendicância. Exemplificamos essa forte característica das agremiações, quando estudamos a Sociedade Propaganda das Belas-Artes (1856), no Rio de Janeiro, que foi responsável pela criação do Lyceu de Artes e Offícios, em aulas e cursos noturnos para jovens e adultos trabalhadores, marca das principais agremiações do país, com um projeto comum, a formação do povo e a civilização.

Associações e grêmios literários foram criados também em Maceió na segunda metade do século XIX. Desses, destacamos *A Sociedade Gabinete de Leitura* (1857), *A Sociedade Libertadora Alagoana* (1881), *A Sociedade Litteraria e Recreativa* (1858). (MADEIRA, 2008). A criação dessas instituições em Alagoas é a marca de uma expressão nacional pela necessidade de reunir alunos, professores e jornalistas na divulgação de suas idéias. O *Clube Literário Gonçalves Dias* (1884), por exemplo, foi o responsável pela publicação do impresso *A Instrução*, assim como o *Clube Literário José de Alencar* (1882), ao fazer circular o impresso homônimo.

Camargo (2000, p.147) ressalta que a criação dessas agremiações, regra geral, homenageava figuras ilustres do seu tempo, a exemplo do periódico *O Ribeirense*<sup>7</sup>, que inicialmente circulou como *Orgam dos estudantes do Instituto Joaquim Ribeiro* (1930), após alguns anos foi nomeado de *Órgão do Centro Literário Erasmo Braga* (1937). Erasmo Braga havia tomado posse como primeiro diretor do Centro Cívico “Erasmo Braga”, em 30 de maio de 1931. O referido centro era um órgão oficial que providenciava o registro de *O Ribeirense* no Departamento de Imprensa e Propaganda<sup>8</sup>, e garantia a regularidade da circulação do periódico. Além desse cargo, o paulista e de religião protestante, Erasmo Braga teve importância ímpar na publicação de livros didáticos nos anos iniciais da República, conhecida como “Série Braga”, cuja circulação alcançou mais de cem edições em todo o Brasil.

Diante dessas particularidades e o envolvimento das agremiações, clubes literários e sociedades com as instituições de ensino e conseqüentemente com a elaboração e desenvolvimento dos periódicos estudantis, era nítida. Tanto a imprensa oficial quanto a imprensa estudantil atendiam ao jogo de interesse e recebia profunda influência talvez tutela de seus professores e colaboradores. Ao ponto de considerar o detalhe de que nos impressos em estudo os textos dos jornais estudantis são assinados por autores que precisavam do anonimato, portanto, utilizavam pseudônimos. Sodré (1999) exemplifica essa característica tratando do *Jornal do Comércio* (1852), do Rio de Janeiro, o qual publica em sua seção folhetim o romance as *Memórias de um Sargento de Milícias*, durante o período de 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853, cuja autoria era de Manuel Antônio de Almeida. Ele utilizava o pseudônimo de *Um Brasileiro*. Essa característica de utilizar pseudônimos persiste nas publicações dos impressos estudantis, nos deixando indagações como: Será que as matérias veiculadas eram de autoria exclusiva dos alunos? Até que ponto os professores influenciavam a escrita dos estudantes? É importante indagarmos esses pontos, uma vez que seria difícil supor que os alunos teriam total autonomia de elaborar e fazer circular suas produções.

Além da utilização do pseudônimo, para participar da elaboração dos periódicos, os alunos tinham que pertencer a organizações designadas como *Órgãos Especiais dos Estudantes*, e todos os periódicos em estudo tinham essa característica. Essa prática foi

---

<sup>7</sup> *O Ribeirense* (1929 – 1958) foi o primeiro jornal de estudantes de Rio Claro (SP), vinculado ao Instituto Joaquim Ribeiro. CAMARGO (2000).

<sup>8</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, foi criada em dezembro de 1939, no governo de Getúlio Vargas.

observada também no periódico “*O Ribeirense*”, um jornal estudantil de grande circulação entre os estudantes do Instituto Joaquim Ribeiro, da cidade de Rio Claro. Segundo Camargo (2000), quem participava do jornal “*O Ribeirense*”, no caso os alunos, já tinham a oportunidade de progredir ou não no caminho das letras, pois os primeiros passos eram dados no impresso *O Ribeirense*, 26 set. 1929.

Os primeiros, com artigos que se ocupem das palpitantes questões o ensino, quer sejam intelectuais, físicos ou morais. Os últimos que se mostrarem desejosos de progredirem nas letras, pois que é este um meio pelo qual os moços poderão tomar uma certa prática em manejar a pena com facilidade. (CAMARGO, 2000, p. 27)

Portanto, as escritas nos jornais marcava o primeiro momento em que os alunos iriam expor sua habilidade com as letras, momento decisivo para essa mocidade, que poderiam enveredar por esse caminho de intelectuais ilustres e passar a ocupar cargos de prestígios em suas respectivas províncias. Regra geral os alunos participantes da elaboração desses impressos eram instruídos para o mando, jovem da elite que se preparavam para comandar, conduzir e liderar.

O capítulo em discussão desenvolve um breve histórico sobre o papel da imprensa educacional e sua relação com os movimentos estudantis, a princípios existentes com as ações as agremiações educacionais que se manifestava por meio da escrita, publicadas assim nos periódicos estudantis aqui explorados.

### CAPÍTULO III

#### UMA APRECIÇÃO DOS IMPRESSOS ESTUDANTIS DE MACEIÓ

Neste capítulo realizaremos uma apreciação dos impressos estudantis alagoanos que tivemos acesso e que é base de nosso estudo, além de tentarmos responder a questão que norteia o trabalho **qual o perfil da escrita veiculada nos periódicos estudantis de Alagoas?** Dividimos em dois subcapítulos, o primeiro tratará dos periódicos lançados no período imperial, num total de cinco títulos, *Lyceista Alagoano* (1858), *O Collegial* (1869), *O Dever* (1887), o *Estudante* (1888) e *A Escola* (1892), por sua vez no segundo trabalharemos com os jornais estudantis do período republicano, nesse caso contamos com dois títulos, *O farol do estudante* (1941) e *O eco escolar* (1943).

Diante das fontes, considerando a pouca quantidade de exemplar e má condição de leitura das notícias circuladas, tentaremos realizar um quadro comparativo sobre a estrutura dos impressos, destacando os detalhes do cabeçalho, nome dos redatores, data, órgão estudantil que está vinculado, número de página, a disposição das colunas e forma das letras.

#### **3.1 Impressos estudantis do Império**

O primeiro periódico estudantil que temos notícia na província alagoana é o *Lyceista Alagoano*, vinculado ao Liceu de Maceió, cuja fundação foi em agosto de 1858, como se observou, o periódico foi criado quase dez anos após a criação da instituição. Para realização deste estudo tivemos acesso à primeira página do exemplar número 10, de 20 de maio de 1859, pertence ao acervo do Instituto Histórico de Alagoas (Figura 1).

O *Lyceista Alagoano* pertencia à agremiação dos estudantes do Liceu Provincial, intitulada *Sociedade Litteraria e Recreativa*, e nas publicações se apresentava como *Periódico Litterario e Recreativo*.

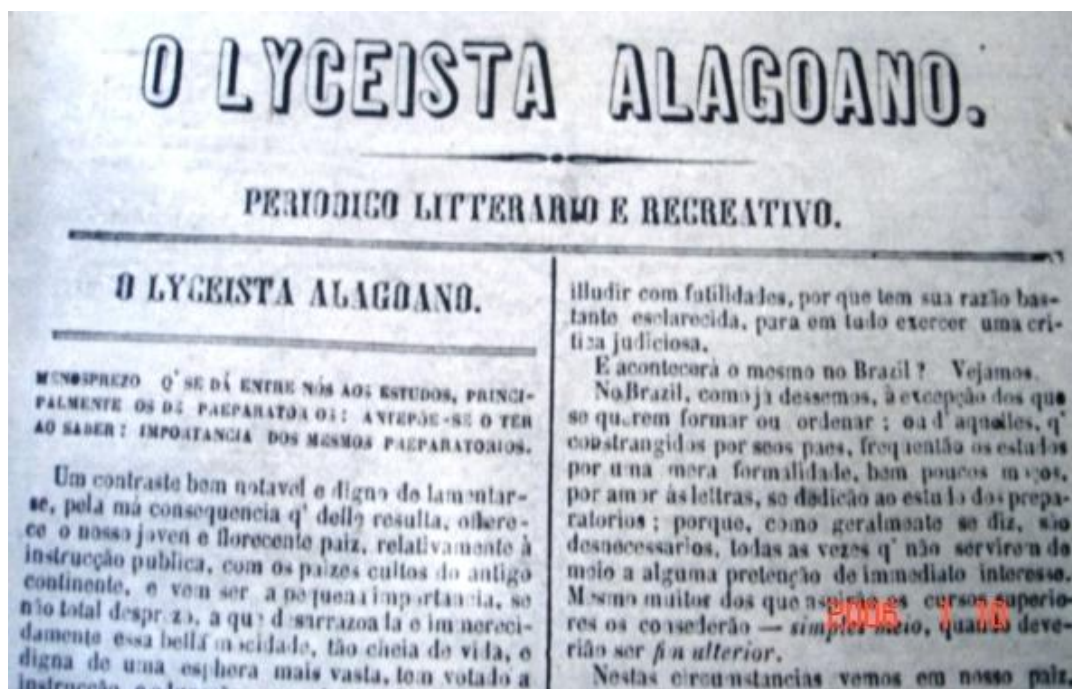


Figura 1: Imagem do acervo do IHGAL

Com aponta Duarte (1961) o periódico literário e recreativo, *Lyceista Alagoano*, é formado por duas colunas com quatro páginas, impresso na tipografia Constitucional, e pertencia ao órgão dos alunos do Liceu Alagoano. O surgimento do periódico coincide com o aparecimento jornal *Diário das Alagoas* (1º de março de 1858), o primeiro jornal de publicação diária, fato que pode ter estimulado os estudantes do liceu enveredar por essa ideia de criar um jornal estudantil, que representasse a instituição de ensino e o pensamento dos alunos, um instrumento de comunicação entre os alunos e a sociedade, uma vez que o impresso não se restringia em circular no interior do liceu.

Na primeira página, o referido impresso apresenta um texto introdutório nomeado de *apresentação* nele chama atenção para o cuidado com o fato de se considerar instrução apenas como veículo de preparação dos alunos para os exames preparatórios, que os levariam aos cursos superiores. A publicação alerta para a superação dessa visão estreita de educação como ensino propedêutico, e aponta outros elementos que ajudariam a alargar esse entendimento:

“(...) Não queremos dizer com isto q’ só as grandes capacidades sejam aptas para os empregos: o que queremos dizer é, que tendo-se mais em mira a riqueza que o saber, de pouco pode valer a instrução (para os que a considerão como meio de galgar posições). (...)”.



O maior jornal de circulação diária da época, o *Diário de Alagoas*, de 24 de agosto de 1859, traz notícias sobre o *Lyceista Alagoano*. A matéria publica as queixas do diretor do Liceu, José Corrêa da Silva Titara, sobre a denúncia dos alunos, a respeito do não-acesso ao Gabinete de Leitura, anexo ao Liceu, para a realização das reuniões da *Sociedade 7 de Setembro*. Titara argumenta que dele não dependia a autorização para o acesso à instituição, e sim do presidente da província Agostinho Luiz da Gama. Observa-se que os escritos desses alunos não se restringiam a circular no ambiente escolar, fato que lhes beneficiava pela possibilidade de exposição de seu ideário para um conjunto mais largo da sociedade oitocentista. Consideramos, portanto, que se trata de um grupo que não se ocupava com sua sobrevivência imediata, tinha sua instrução financiada pelos seus pais. Havia uma atenção ao saber como riqueza maior homens obstinados para se assemelharem aos clássicos da literatura.

Segundo Madeira (2008, p. 56) “de acordo com Tomás Espíndola, a biblioteca do Gabinete de Leitura, instalada nas dependências do Liceu, mantinha-se constantemente fechada sem acesso ao público” Ele considerou o projeto um luxo, uma ostentação de riqueza, que apenas servia para anualmente o diretor do Liceu e da Instrução Pública promover comemorações de datas festivas.

Outro periódico em estudo é *O Collegial*, fundado em 07 de setembro de 1867, orientado e elaborado pelos estudantes do Colégio São Domingos, cujo estabelecimento era de propriedade do professor Domingos Bento da Moeda e Silva. A instituição oferecia a educação masculina e recebia alunos internos, semi-internos e externos, segundo anúncio do *Diário das Alagoas* de 12 de janeiro de 1870, seguia o exemplo do Liceu Alagoano.

Segundo Duarte (1961) o impresso apresentava-se como *Periódico Litterario, Religioso e Recreativo*, pertencente ao *Órgão dos alunos do Colégio de São Domingos*, grêmio da referida instituição. Era publicado quatro vezes por mês, e sua estrutura assim se formava com duas colunas e quatro páginas, impresso na tipografia do Partido Liberal. Em razão das precárias condições de pesquisa do documento, apenas foi acessado a primeira página do exemplar n.2, de 27 de julho de 1869 e o exemplar completo de número 3, ano II, de 03 de agosto do referido ano. (Figura 2)

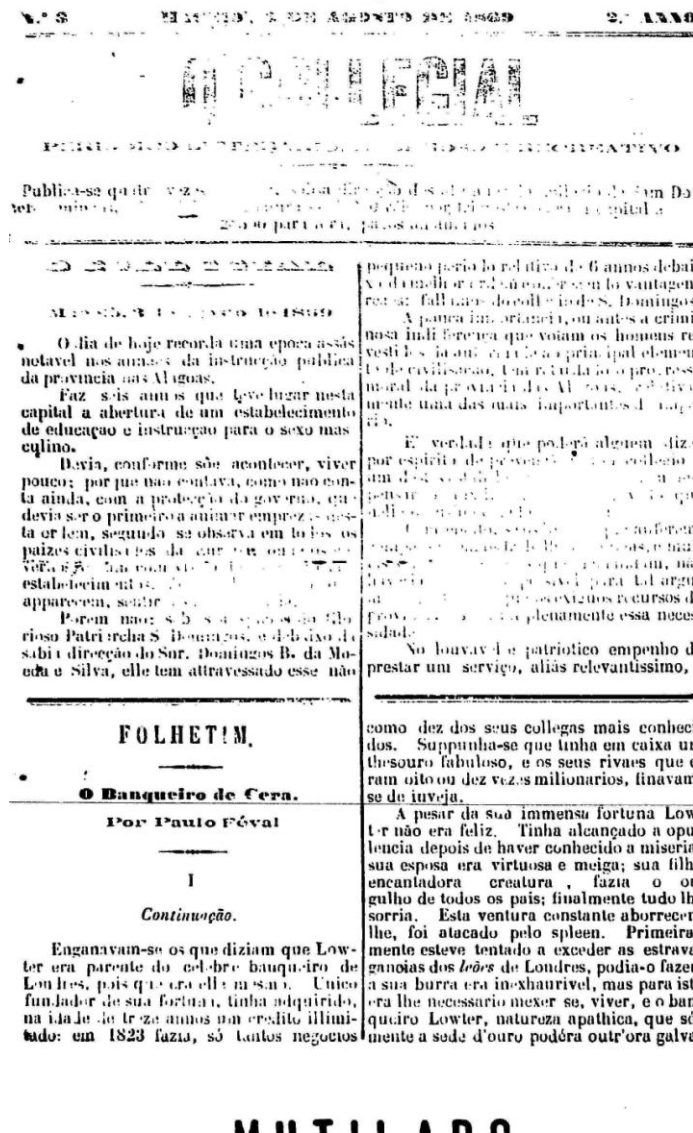


Figura 2: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Segundo Silva (2009), o exemplar completo traz no texto de apresentação uma homenagem à fundação do Colégio São Domingo àqueles que confeccionam os periódicos e ajudaram a impulsionar o progresso moral da província alagoana. Ainda na primeira página na sessão *Folhetim*, apresenta o conto *O banqueiro de cera*, no qual traz a história de *Peters Lowter*, sujeito rico que não era feliz com sua fortuna. Na sessão *Literatura* (Figura 3) circula um texto sobre o surgimento dos colégios como instituições cristãs e a importância para a juventude, ressaltando o quanto a educação escolar tinha um perfil de modelagem de mentes e corpos.

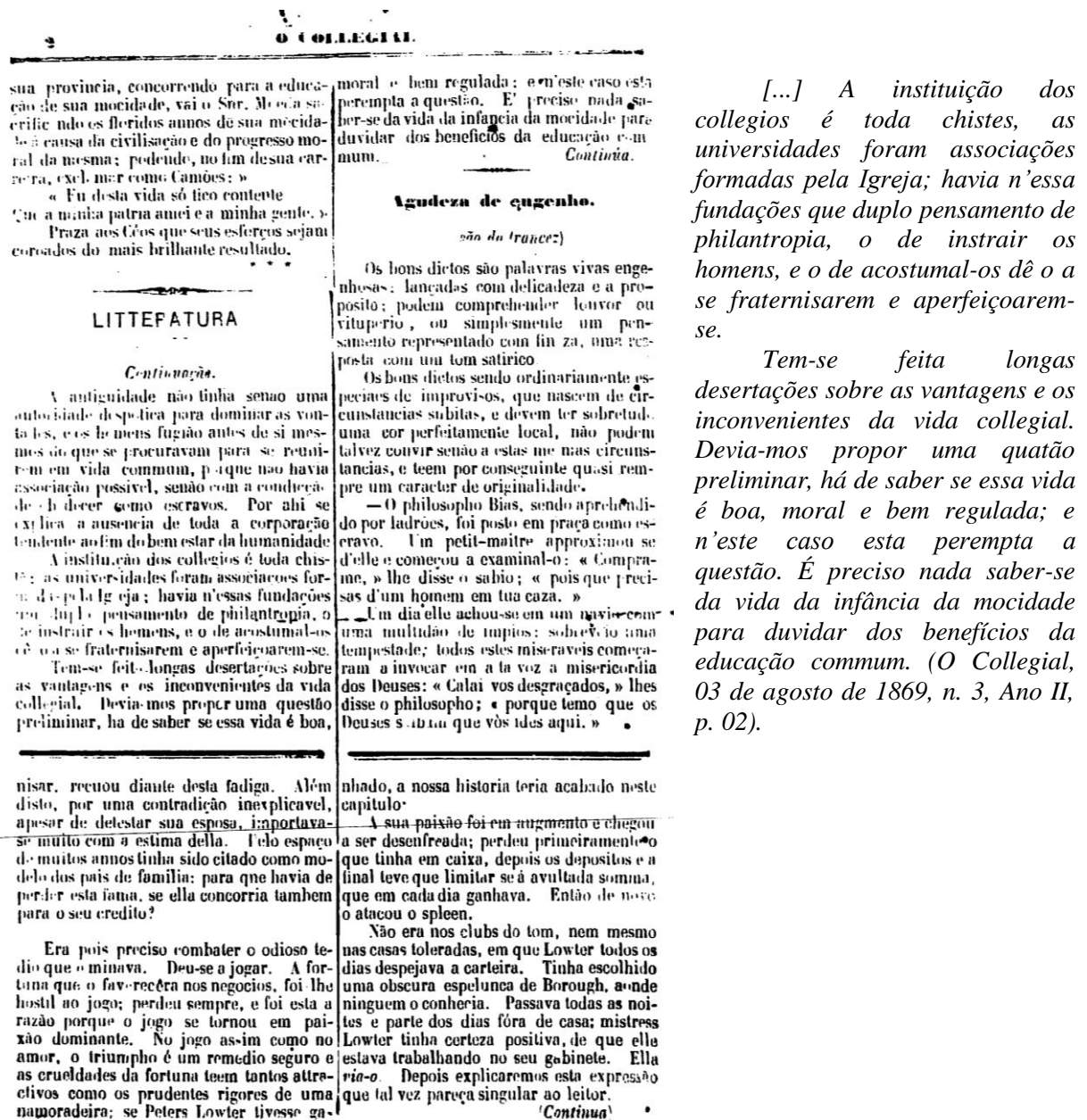


Figura 3: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Em seguida vem o texto *Agudeza de Engenho*, que ilustra como filósofos e homens sábios constroem e utilizam os “bons dictos”, uma vez que é uma característica da imprensa literária, expressão que se apresenta comum à época, saber usar as palavras. No decorrer do impresso encontramos ainda traços religiosos, a sessão *Poesia* apresenta a oração da Santa Ana, uma forma de homenagear a padroeira do Colégio Santa Ana, instituição de ensino destinada a educação feminina, que foi fundado pra Ana Moeda, esposa de domingos Moeda.

Traz ainda o *Soneto* (Meu ser evaporei) e o poema *A lâmpada do Santuário*, ambos de forma diferentes tratam do mesmo tema, a morte, por meio da literatura há uma tentativa de deixar o ato de morrer mais leve, com uma ponta de beleza, ao falar da relação do homem com a natureza, a busca da essência humana e sua ligação com a vida eterna, assim como prega os dogmas do cristianismo realizando boas ações durante a vida alcançamos o paraíso. Segue o trecho do poema *A lâmpada do Santuário*, assinado por *J. de Lemos*.

[...]  
*Mas o óleo fenece,  
 E a chama estremeçe,  
 Vacila e parece  
 Queixar e gemer;  
 Na luta e o a morte  
 Sem brilho é mais forte,  
 Inda mais é a sorte  
 De em trevas morrer*

*Morrer! Uh! Como ella,  
 O' moço ó donzella,  
 A vida mais bela  
 Também perde a luz;  
 Ao mesmo inveja,  
 Procura, deseja,  
 Como ella, que seja  
 A' sombra da cruz! (O Collegial, 03 de agosto de 1869, n. 3, Ano II, p. 04).*

Na ultima coluna de exemplar esta *Chronica*, composta por um texto bem humorado do então eleito cronista do jornal, que assina com o pseudônimo *Quisquis*. No inicio ele expõem seus medos e inseguranças diante da responsabilidade de ser cronista do jornal estudantil e conclui tecendo comentário sobre a homenagem que o periódico concede ao Colégio Santa Ana. Destaca a festividade da padroeira e o compromisso da instituição com a instrução das mulheres de Alagoas.



Figura 4: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

O Colégio de Bom Jesus foi fundado em 1872, por Francisco Domingues da Silva<sup>9</sup>. Em *O Dever* em 1888, o educador ergue a Escola Central em conjunto com a entidade abolicionista *Sociedade Libertadora Alagoana*, local onde apenas os filhos dos escravos estudavam. Naquela instituição também foi criado um periódico dos alunos - *A Escola* -, incentivado inclusive pelo diretor Francisco Domingos, cujo praticas se estendia a produção de periódicos dos docentes e revistas destinados a educação alagoana.

De modo geral, Silva (2009) demonstra que cada exemplar apresenta um conjunto de textos que aborda economia, comércio, apoio às questões abolicionistas, homenagens aos

<sup>9</sup> Francisco Domingues da Silva (1849) foi diretor e fundador do Colégio de Bom Jesus e da Escola Central, deputado provincial, jornalista, professor administrador dos Correios.

Na sequência cronológica, o terceiro periódico é *O Dever* (Figura 4), fundado em 05 de junho de 1887, pertence ao *Órgão dos alunos do Colégio de Bom Jesus* e apresenta-se como *Órgão Litterario, Scientifico e Noticioso*, publicado quinzenalmente, e impresso pela Tipografia Antunes e C. Tivemos acesso a quatro exemplares, todos do primeiro ano de publicação, sua forma apresenta-se em três colunas distribuídas em quatro páginas, seus redatores eram Leopoldino Githay, Antonio Tenório, J.F. Paes Barreto e João Candido de Oliveira Mendonça, traços biográficos.

preceptores, a paz entre os povos e felicidade. Uma das seções, *Parte noticiosa*, publica notas de falecimento, referência a passeios e viagens de senhores ilustre, bem como o registro elogioso da inauguração de instituições de caridade, como o Asilo de Mendicidade, sob a direção do Dr. Manoel José Duarte. Parabeniza membros de clubes literários, como o José Bonifácio, o *Grêmio Literário Estudantesco Alagoano* e a *Sociedade Libertadora Alagoana*. Enfim, esses registros são modelados por aqueles em circulação na imprensa.

Os exemplares números 1 e 2, ao quais correspondem a edição de lançamento e a posterior, dos dias 05 e 19 de junho de 1887, desenvolvem temas que se relacionam ao *O século XIX* (Figura 5) e *Os livros* (Figura 6), ambas em suas especificidades trabalham o valor da instrução para humanidade, o século do avanço por conta da instrução e o livro como o verdadeiro companheiro do saber, e o destaca pela sua valiosa propagação com o surgimento da imprensa.



[...] Desde então a instrução tem sempre evoluído, e grande tem sido o numero dos brasileiros que tanto contribuíram para o avançamento da civilisação em sua marcha, que tem sido um constante progredir até ao século actual.[...]

O século XIX é, sim, o século das grandes invenções; n'elle a sciencia tem tomado grande incremento e muitos são os cidadãos que attestão o seu desenvolvimento. A heroica França e coma bella Germania a pátria dos primeiros homens d'esta natureza. Lamartine, Goethe e Victor Hugo marchão á frente do século. E' verdade que no actual século a civilisação tem-se desenvolvido mais, e o povo tem praticado feitos heroicos de liberdade, de patriotismo; mas mesmo os povos mais civilizados da Europa e da America ainda conservão costumes bárbaros; entre esses está o povo brasileiro com a nodoa feissima da escravidão.[...] (O Dever, 05 de junho de 1887, ano I, nº 1, p. 2).

Figura 5: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

o affecto de nossos corações; além tumulo terás o repouso e a palma de tuas virtudes.

Dorme em paz, desditosa matrona no seio de Deos, enquanto teus tenros filhos choram na terra a tua falta.

As lagrimas dos filhos, as saudades do esposo, a falta consível que fazes aos que apreciavam tuas excellentes qualidades moraes, attestão na terra o quanto foste feliz nesta vida transitoria . . . . .

Morte cruel !!! . . . . .

Para que roubaste uma Mãe de familia o cedo, para que vieste com tua espada cortar um fio de esperanças? . . . . .

Pede a Deus um lugar entre os anjos para aquellos que te são caros e faze cair sobre as cabeças de teus innocentes filhinhos as graças da Divina Misericordia.

— Não choramos esta noite, Não choramos estas tardes, Quando a terra perde um justo, conta um anjo a Cero demais —

*Leopoldino Gilalhy.*

---

**Os livros**

Nos tempos modernos tem sido tão grande a evolução das letras e o progresso de conhecimentos uteis, vindo dos livros, que o homem torna-se altaneiro nas luctas do saber.

O triumpho do homem que se entrega ao estudo d'uma intimidade de conhecimentos esta no livro, porque só elle pode dar o desenvolvimento de muitas questões difficultas a resolver.

Por mais medíocre que seja a intelligencia com um bom livro torna-se mais desenvolvida e cultivada.

São os livros que têm dado ao Cicerro, um Chateaubriand, um Racine, um Moliere, etc. . . . .

pelos seus profundos estudos enriqueceram as suas patrias com os pomos de ouro sahidos de seus espiritos, indô parano Cenaculo da deusa do saber.

São os livros os mais verdadeiros e fieis companheiros do homem nas luctas scientificas, moraes, phisicas, litterarias, etc; os fieis guaidores nas difficeis carreiras a que nos impomos; os mestres mudos, como disse o Padre Antonio Vieira, que nos animão no tirocínio das letras sem fastio.

Elles nos dizem a verdade sem timidez, nos reprehendem sem pejo e nos vivificão com coragem; esses são, pois, os nossos verdadeiros amigos, os mestres destimidos os singelos e optimos conselheiros.

Assim como nos tornamos mais prudentes e mais civilizados cultivando as boas soluções dos bomeis virtuosos e instruidos, que com os seus bons conselhos, muitas vezes nos tirão de um precipício e nos livrão de grandes males, assim tambem nos instruímos com os pensamentos e conselhos dos bons livros que nos guião para o caminho do bem, unico condigno do homem de merito.

Os livros são os nossos primeiros preceptores, os principais obreiros da gloria nacional.

Os pensamentos n'elles contidos illuminão e instruem nossas intelligencias com o fogo puro do saber.

O exito das grandes questões alcançamos sempre depois de muito luctar; e é com a lucta, quer moral, quer phisicamente, que vencemos as difficultades a nos impostas.

O livro tem para o homem tanto poder e valor, como para o General a sua espada nas ferrenhas batalhas em que se acha.

Antes de Gutenberg era uma complecta raridade encontrar-se livros, que tratassem

de sciencias, porque todos eram manuscritos; entretanto hoje depois d'aquella grande descoberta -- a Imprensa, os livros têm se espalhado e se obtêm com muita facilidade.

O livro nos dá tanta luz, como os raios aureolados do astro-rei ao despontar n'uma manhã de primavera.

O homem pobre e sabio tem um cabedal mais seguro, do que um rico; porque a fortuna do sabio não se perde e o thesouro do homem de metal está a mercê do vento da infelicidade que de momento o pode espalhar.

O mestre guia, o livro ensina.

O homem que possui um livro não está só, tem um bom companheiro cujos pensamentos aprecia.

*Antonio T. Cerqueira*

---

**O homem de letras**

O homem de letras é o ceifador do vasto campo da litteratura, o sementeiro d'esta luz brilhante que se chama a instrucção.

O homem de letras, zeloso de manifestar bem seus pensamentos, remonta seu espirito aos seculos, e discorre sobre os grandes feitos, sobre as artes, monumentos antigos, etc. etc.

A occupação do homem de letras é uma das mais nobres e gloriosas; o homem que se celebra pelo saber, faz jus a immortalidade.

E é tambem aos homens d'esta classe que nós mais devemos; pois elles derramão sobre nós a luz bendita da instrucção.

O homem de letras ergue neste mundo o monumento da instrucção, e depois se orgulha do quanto o mundo se admira na contemplação de sua obra.

*Nos tempos modernos tem sido tão grande a evolução das letras e o progresso de conhecimento uteis, vindo dos livros, que o homem torna-se altaneiro nas luctas do saber.*

*O triumpho do homem que se entrega ao estudo d'uma intimidade de conhecimentos esta no livro, porque só elle pode dar o desenvolvimento de muitas questões difficultas a resolver.*

*Por mais medíocre que seja a intelligencia com um bom livro torna-se mais desenvolvida e cultivada. [...]*

*São os livros os mais verdadeiros e fieis companheiros do homem nas luctas scientificas, moraes, físicas, literárias, etc; os fieis guaidores nas difficeis carreiras a que nos impomos; os mestres mudos, como disse o Padre Antonio Viera, que nos animão nos tirocínio das letras sem fastio. [...]*

*O homem que possui um livro não esta só, tem um bom companheiro cujos pensamentos aprecia. (O Dever, 19 de junho de 1887, ano I, nº 2, p. 3).*

Figura 6: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Nessa perspectiva o periódico faz apologia às letras. Ressalta que o século XIX como grande divulgadora das letras para todos os povos. Aponta ainda o livro, a leitura, a ciência como grandes fontes de inspiração para a vida, explicando o descolamento das discussões em torno das relações humanas.

O exemplar de número 9 (Figura 7), de *O Dever*, da data de 04 de outubro de 1887 é uma edição especial dedicada a homenagear o aniversário do diretor Francisco Domingues da Silva, intenção já anunciada na capa com a sua fotografia (Figura 8). O impresso segue com as seções enaltecendo a figura do ilustre diretor, destacando sua importância como educador, mestre e amigo. Todas as seções do exemplar se voltam para a data festiva, cujo título permanece Quatro de Outubro em boa parte das matérias, e destacamos algumas como: Ao exímio educador alagoano, Salve o mestre, Saudação, entre outros que seguem essa exaltação

à figura do Domingues da Silva. Como marca do prestígio do diretor assinalamos o texto de apresentação dessa edição que resume o perfil do conteúdo dos demais textos do periódico. Aqui não se sabe ao certo se essa escrita era própria dos alunos ou do próprio do diretor. Consideramos desse modo, que os próximos a Domingues afirmavam que não era do seu feito a exposição. Portanto, quem estimulava o aluno para essa escrita?



Figura 7: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

A redação do DEVER, querendo tributar as devidas honras ao preclaro preceptor da mocidade hodierna o Sr. Francisco Domingues da Silva, no dia de seu aniversário natalício, resolveu tirar um numero especial d'este periódico, cuja primeira pagina está illustrada com o retrato do distinto mestre, e levada pelo dever da gratidão, dá ao quatro de Outubro um salve simples, porém nascido do coração. (O Dever, 04 de outubro de 1887, ano I, nº 9, p. 2).

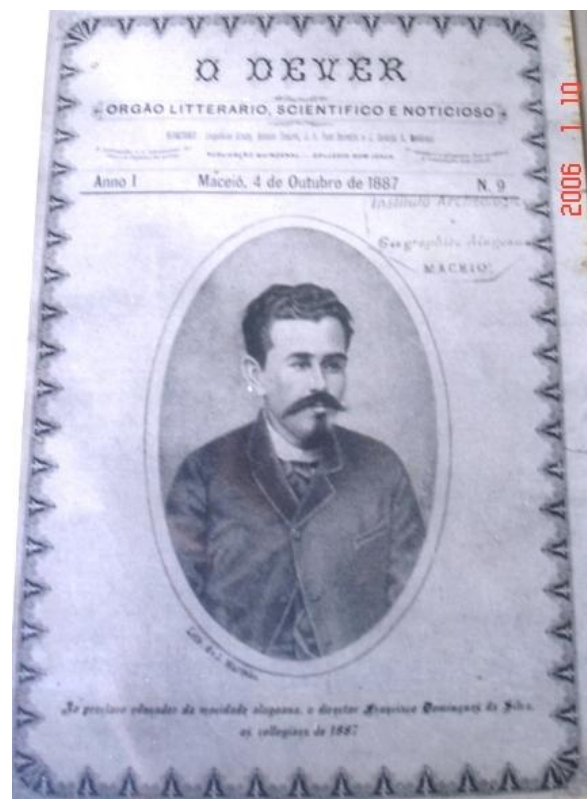


Figura 8: Acervo do IHGAL



Trata-se da capa do exemplar de homenagem ao aniversário diretor Domingues Silva, o dia quatro de outubro, data determinada pela instituição com uma data de comemoração que precisa sempre ser lembrada e exaltada.

O *Estudante* (Figura 9) outro periódico que pretendemos analisar, fundado em 10 de agosto de 1888, apresenta-se como *Folheto Literario de Educação e Recreio*. Sua forma contava com quatro páginas distribuídas em quatro colunas. Esse impresso tem uma particularidade era de propriedade de Gastão Guerra, portanto, não vinculado, a uma instituição escolar. Relevante observar que recebendo o nome de *Estudante*, não garante que os proprietários eram alunos. Consideramos desse modo, que o impresso também pode ser uma homenagem aos estudantes. Dedicada a toda mocidade maceioense, contava com redator Julio Lopes. Foram acessados quatro exemplares, dentre eles um exemplar dedicado ao dia 07

de setembro (Figura 10), com textos apologéticos ao dia da Independência do Brasil.



Figura 9: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

*Salve dia de gloria! Salve, 7 de Setembro, sempre memorável nas paginas da história Sul americana! Salve dia, cuja aurora resplandeceu há 66 annos nos fios do estandarte, auri-verde, que pela primeira vez tremulou, com o grito de – independência ou morte! (...). (Estudante, 07 de Setembro de 1888, anno I, n° 04, p. 2).*



Figura 10: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Além daquela temática, outros assuntos foram destacados relativos à importância da educação da mocidade para civilização, poesias, contos românticos, o estudante, a liberdade e o amor. Sobre tal periódico, Barros (2005) comenta que o impresso era uma Folha literária de educação e recreio, dedicada a mocidade maceioense. Passou a circular em 10/08/1888, nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Era de propriedade e redação de Gastão Melo Guerra e Julio Lopes. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro constam os números correspondentes a 10/08/1888 e 07/09/1888. Somente foi possível acessar ao primeiro exemplar (Figura 11). Na primeira página encontra-se a sessão *A mocidade*, que trata sobre quais interesses estudantis deveriam prevalecer na leitura do periódico, palavras expressadas na fala do redator:

ANNO I ALAGOAS NUM I

# ESTUDANTE

Folha Litteraria de Educaçao e Recreio  
Dedicada à mocidade maceioense

PROPRIEDADE E REDACÇAO DE — GASTAO GUERRA E JULIO LOPES

---

**EXPEDIENTE**

Publica-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mez

ASSIGNATURAS

Mez..... 200 réis  
Trimestre..... 500

Toda a correspondencia deve ser dirigida a sua Redacção Nos. 1 ou 8.

E' franca a collaboraçao aos assignantes.

MACEIO' 10 DE AGOSTO DE 1888

**Programma**

O sympathico nome de *Estudante* que procuramos dar a este pequeno periodico, foi-nos inspirado pelo amor que consagramos a essa digna e esperançosa classe, que tem sabido cumprir e bem comprehender os seus deveres, d'onde tem sahido tão ingeetes e valtos a quem a humanidade muito deve, cujos membros ainda qu'is, podem condignamente apresentar o nosso bello torrão natal — Brasil.

O *Estudante* não se particularisa e nem se limita a falar somente da classe nacional, não; falará los estudantes em geral porque elles existem em todas as nações. O *Estudante*, pois, não é consagrado somente a defesa de sua classe; elle tambem dedicará algumas linhas em prol do opprimido e em defeza dos interesses geraes.

**A' mocidade**

O jornalsinho que se apresenta a solicitar o vosso apoio, não nasceu de nenhum sentimento ruim. A sua publicação é inspirada pelo desejo de ser util e agradável, proporcionar-vos alguns momentos de leitura amena e instructiva, que delectando-vos o coração vos esclareça o entendimento.

Na escola começais o culto de Deus, da Moral e da Patria: ali aprendeis a baibueiar os segredos da sciencia, a conceber a lei do trabalho, e o vosso coração e a vossa cabeça formam ali as primeiras harmonias da existencia, com todos os encantos próprios da juventude.

Posto isto, resta-nos esperar que

(...) Na escola começais o culto de Deus, da Moral e da Pátria: ali aprendeis a baibueiar os segredos da sciencia, a conceber a lei do trabalho, e o vosso coração e a vossa cabeça formam ali as primeiras harmonias da existência, como todos os encantos próprios da juventude. (...) (*Estudante*, 10 de agosto de 1888, ano I, nº 1, p. 1).

Figura 11: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

É possível afirmar que os periódicos seriam a extensão dos ensinamentos dados nas escolas, que priorizavam a conduta moral, patriótica e religiosa, somente assim se entenderiam uma sociedade civilizada.

Diante de alguns traços no conteúdo do impresso identificamos que é um jornal que homenageia o estudante “*O sympathico nome de Estudante que procuramos dar a este pequenino periódico, fei-nos inspirado pelo amor e esperança classe que tem sabido cumprir e bem comprehendor os seus deveres (...)*”. Questionamos desse modo se a escrita era dos alunos ou de profissionais ligados à instrução?

Os alunos da Escola Central também fundaram um periódico estudantil, em 01 de fevereiro de 1892 (Figura 12), intitulado *A Escola*, que se apresentava como *Orgam da Escola Central e Revista Litteraria e Scientifica*, suas publicações se davam mensalmente, o impresso estava distribuído em duas colunas e oito páginas. Foi acessada apenas a primeira edição, bastante mutilado e com trechos ilegíveis, dificultado a compreensão de alguns textos.



## A ESCOLA

Maceió, 1º de Fevereiro de 1892.

A mocidade também é permitida tomar parte no grandioso festim em que se celebra o progresso da patria, contando que ella se póste com o respeito, a reserva e acatamento devidos á sua pouca experiencia da vida pratica e dos negocios publicos.

A mocidade sente, e seus desejos são ordinariamente os mais puros, porque seu coração não está ainda contaminado de certos vicios que só costumam desenvolver-se em outras épocas da vida.

Temos muita fé no futuro, muito desejo de nos instruir e trabalhar: d'ahi vem a razão do apparecimento de nossa modesta revista que intitulamos—ESCOLA.

Seu titulo por si só nos dispensa de um programma, porque quem diz escola, diz—respeito, instrucção e trabalho.

A escola é o templo da instrucção e do trabalho.

Nos templos, porém, não é dado penetrar-se sem o respeito que lhe é devido, o que constitue alli o culto exigido pela boa educação.

O nosso fim é identico ao da escola—traballar, na razão acanhada de nossas fracas forças, para nos preparar para os misteres da vida futura e para adquerirmos os conhecimentos uteis e indispensaveis á sociedade, despertando pelo trabalho e pelo estudo as nossas faculdades phisicas e intellectues afim de que melhor se desenvolvam.

Do que temos expendido seprehende facilmente que o nosso ideal, o nosso mais doce anhelos e o principal motivo que nos demoveu a publicar esta humilde revista mensal, não é outro que fazer a propagação da educação na sua mais lata comprehensão, sem desprezar a luz da doce aurora que se desprende das verdades do Evangelho.

### Na arena...

Eis-nos, impavidos e resolutos no campo da luta, promptos a batalharmos sem treços pela nossa legenda—Instrucção e Trabalho,—que é a fonte de todo progresso e riqueza de uma nação.

Sabereamos cumprir o dever que nos assiste e igualmente mostear-nos com valor e sobranceira ás luctas que emprendermos.

Nossa profissão de fé está feita, e se algum embarço se antallar á jornada—

Figura12: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Apesar de ser um jornal supostamente criado por estudantes negros, era nomeado de *Revista Litteraria e Scientifica*, nos deixando a indagação sobre os verdadeiros escritores dos periódicos, uma vez que a Escola Central se destinava ao ensino primário, e como um aluno desse nível teriam fôlego intelectual para fundamentar uma discussão de exaltação a pátria, a fé no futuro, por meio da instrução e do trabalho. Explanando que a escola era um local de respeito, instrução e trabalho, onde adquiririam os conhecimentos uteis e indispensáveis à sociedade. Consideramos esse ponto como mais um vestígio de que a escrita desses periódicos era tutelada pelos profissionais envolvidos como as instituições de ensino.

Os colaboradores do periódico de *A Escola* ressaltam no texto de apresentação do primeiro exemplar, de 01 de fevereiro de 1892, suas intenções com o impresso que “(...) *Seu titulo por si só nos dispensa de um programma, porque quem diz escola. diz-respeito, instrucção e trabalho. A escola é o templo da instrução e do trabalho. (...)*”. A Escola Central destinada as crianças libertas pela Lei do Ventre Livre (1871), estas crianças deveriam cuidar de ter uma formação para a sua sobrevivência. Ofertava, além do ensino de ler, escrever e contar, oficinas de marceneiro, ferreiro, sapateiro e bauleiro. Daí então a razão pela qual havia um investimento no discurso em torno da relação estreita entre escola e trabalho, valor que se acentuaram no período republicano, pelo entendimento de que a escola deveria ser útil ao povo e a Pátria (COSTA, 1931).

Na sequencia do periódico são encontrado sessões que se reportam a mulher, ao comportamento ideal da época. Ela deveria ser um exemplo de integridade para a família. Encontramos essa abordagem nas matérias intituladas *Folhas soltas* e *Flores no Parnaso – A confessada*. Trata dos cuidados que as mães deveriam ter com as crianças, prevenindo-os de possíveis acidentes domésticos, com o texto *Os acidentes da infância (tradução) – O Imprudente*. O traço literário se evidencia na publicação dos sonetos e poemas que tratam do amor e da natureza, na sessão *Colaboração – Pela Intrucção Pública* (Figura 13) trata do momento da introdução do *Pedagogium* e seu provável sucesso em Alagoas.

colher-se atrás das colinas, para succeder-lhe depois o magestoso rei dos astros — o sol. A lua ao entrar-se por traz da immensidade da serra, leva os segredos do amor, que antes queridos e freneticos descobrem á noite na louca percussão de aingue-sentir seus gemidos de dores e saudades infundidas que acalentão o coração.

Pode-se dizer, então, que a lua é a «catalva de segredos dos amantes de hoje. E de certo que sim...

Maceió Janeiro 1892.

*J. Casimiro Botelho.*

## Collaboração

### PELA INSTRUÇÃO PUBLICA

O nosso dever de discipulos da imprensa instructiva, que somos, faz-nos dizer algumas palavras áquelles á quem o patriotismo inda não tocou as fibras vibrantes de seu coração.

Si «não existe o «grisou» sem não haver vestigios do carvão,» na phrase do scientifico Julio Verne, do mesmo modo não pôde existir instrução larga nem educação fecunda, sem o prestigio e força de uma instituição que sirva de centro ao circulo magisterial.

Actualmente, na nossa cara e abençoada terra, existe uma instituição tal, o—Pedagogium.

Este nobilissimo estabelecimento, que honra sobremodo as Alagoas, significa a recordação fiel do grande e immortal Benjamin Constant, o homem á quem deve muito e muito a instrução nacional.

Licito nos é declarar que a actual reforma do ensino tem agrado ao professorado do interior do Estado, pois temos lido cartas que asseveram haver progresso nas escolas cem o programma actual.

Sabendo-se respeitar a lei—tudo correndo no nivel do direito—elevar-se-ha brevemente, em poucos annos, o grão de instrução em nosso Estado!

Assim acontecendo, grande será a gloria para o Pedagogium Alagoano, e para os professores que pugnam por tão pia e sacratissima instituição.

Confiamos que elles verão coroados seus vantajosos, e aliás grandiosos esforços.

Esperemos o futuro que nos responderá com acerto e correção.

A. V.

### Os accidentes da infancia (TRADUÇÃO)

#### O IMPRUDENTE

Paulino andava para traz em um corredor, dizendo a sua irmã que brincava n'um quarto visinho:—Vem ver, mana como eu ando bem para traz. Tu não irias tão depressa como eu.

Acabando estas palavras, chegou á escaida em que não pensava, e rolou até baixo sem poder parar. Como elle perdeu os sentidos, julgou-se morto. Alguns minutos depois foi que elle deu signaes de vida. Tinha rachado a cabeça: foi sangrado e ficou oito dias de cama.

Outro dia em que elle brincava com sua irmã, escondendo-se atrás de uma porta, e chegou o ouvido á fechadura. Sua irmã que ignorava isto, e que queria surprehender-o, veio tão devagar que elle não ouviu nada, e empurrou a porta com muita força, que elle cahiu no chão. Deu hum grande grito. Sua irmã teve bastante pena do que tinha feito, mas a culpa não era sua: ajudou-o a levantar-se. A fechadura tinha-lhe feito uma grande arranhadura na cara. Esteve ainda doente alguns dias.

Desgraçadamente não era elle só que soffria das suas travessuras, sua irmã tambem tinha uma parte dos accidentes que resultavam.

Não se passava quasi semana alguma que elle não cahisse de cima de uma ca-

[...] Actualmente, na nossa cara e abençoada terra, existe uma instituição tal o — Pedagogium.

Este nobilissimo estabelecimento, que honra sobremodo as Alagoas, significa a recordação fiel do grande e immortal Benjamin Constant, o homem á quem deve muito e muito a instrução nacional.

Licito nos é declarar que a actual reforma do ensino tem agrado ao professorado do interior do Estado, pois temos lido cartas que asseveram haver progresso nas escolas cem o programma actual.

Sabendo-se respeitar a lei — tudo correndo no nível do direito — elevar-se-há brevemente, em poucos annos, o grão de instrução em nosso Estado!

Assim acontecendo, grande será a gloria para o Pedagogium Alagoano, e para os professores que pugnam por tão pia a sacratissima instituição.

Confiamos que elles verão coroados seus vantajosos, e aliás grandiosos esforços.

Esperemos o futuro que nos responderá com acerto e correção. (A Escola, 01 de fevereiro de 1892, ano I, nº 1, p. 5).

Figura 13: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Diante das evidencias destacamos que na discussão acima sobre o *Pedagogium*, expõem interesses de professores. Uma vez que o *Pedagogium* foi uma Revista Pedagogica (1890), segundo Gondra (1997), tinha o intuito de expor os melhores métodos didáticos, que viriam a ser utilizados pelos metes em sala de aula, foi o primeiro periódico especializado nas questões educacionais, propagando ainda os princípios patrióticos, característico da República. Desse modo como afirmar que os alunos se interessariam por esse tema, e qual a intenção de divulga-lo em um periódico escrito por estudantes, nesse caso do ensino primário.

### 3.2 Impresses estudantis da República

Segundo Duarte (1961) a boa prática de publicar periódicos confeccionados por alunos continua em Alagoas, com a República. Desse modo destacamos nomes como *Dezesseis de Setembro* (1901), redigida por Alexandre Passos, *O Rosal* (1903) o primeiro jornal dedicado à mulher, dirigido por Rosália Sandoval, onde ela utilizava o pseudônimo Rita Souza, além do *Germinal* (1904), órgão dos alunos do Instituto Alagoano, *A Escola Alagoana* (1908), pertencente ao Grêmio Literário Tavares Bastos e *O Primor* (1907), órgão dos estudantes do Liceu Alagoano.

Por sua vez, os dois impressos objeto de nosso estudo, *O farol do Estudante* (1941) e *O eco escolar* (1943), localizados no período republicano têm algumas particularidades: redigidos à mão, colorido e com gravuras grafitadas, elementos não encontrados em períodos mais recuados do Império, quando talvez o emprego de tal procedimento fosse mais compreensivo, pela recém-criada imprensa.

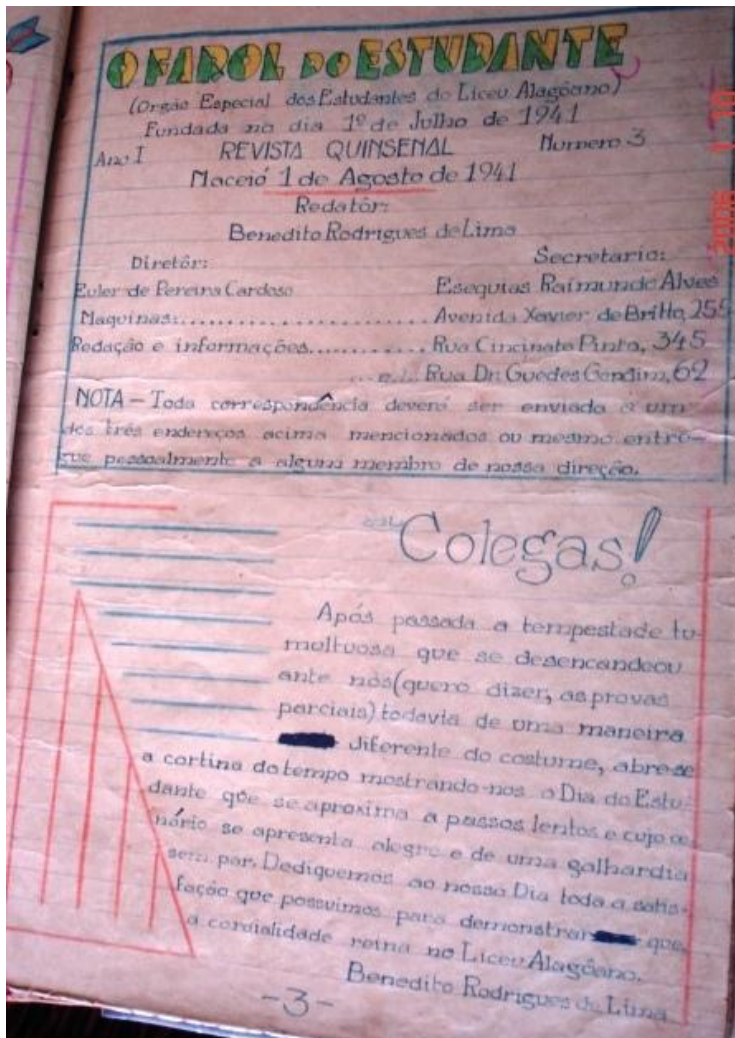
Como assiná-la Camargo (2000), outra característica que continuava marcando esse período era o interesse de desenvolver as “faculdades” mentais dos alunos por meio da elaboração dos impressos. Tal objetivo pretendia ser alcançado, pelo fato de o periódico ter como público alvo os alunos da instituição vinculada. Nessa perspectiva, as composições poéticas, conteúdo dos jornais, expressavam o íntimo do aluno e a medida da sua releitura. Ocorria uma elevação intelectual dessa mocidade envolvida nessa construção dos impressos estudantis.

Durante o estudo dos impressos alagoanos em contraponto com *O Ribeirense* (1929), destacamos os temas ligados aos ensinamentos da moral e da civilidade. Em Alagoas encontramos o livro didático, *O Dote* (1921) de Elias Sarmiento, destinado a princípios, à abordar conteúdo da Língua Portuguesa. O livro é dividido em duas partes, a sua segunda parte do livro, totalmente composta de conteúdos gramaticais da Língua Portuguesa, e por sua vez a primeira parte se preocupa com a conduta moral e cívica dos alunos, trazendo textos carregados de dogmas religiosos e patrióticos. Desse modo, podemos justificar o forte traço de “amor à pátria” como assunto frequente dos periódicos da época, e tal prática não só estava continuamente na escrita, mas também evidente em sua conduta, refletindo em seu comportamento.

[...] Nessa prática da composição de poesias, nota-se também uma variedade de apropriações da literatura marcada pela poesia saturada de máximas gerais

de “amor à Pátria” ou servindo como norma de conduta na ação do indivíduo. [...] (CAMARGO, 2000, p. 152).

Com publicação quinzenal, o periódico *O farol do estudante* era vinculado ao Liceu Alagoano, e passou a circular em 01 de julho de 1941. Seus redatores eram alunos pertencentes ao *Órgão Especial dos Estudantes do Liceu Alagoano*, a estrutura visual do impresso se distribui em três colunas, distribuídos em dezesseis a vinte páginas. Nos dois exemplares, os temas versam sobre o cotidiano dos alunos e os rumos da instituição. No texto de apresentação publicado na data de 01 de agosto de 1941 (Figura 14), os alunos expressam seu entusiasmo com a chegada do dia do estudante,



*Após passada a tempestade tumultuosa que se desencadeou ante nós (quero dizer, as provas parciais) todavia de uma maneira diferente do costume, abre-se a cortina do tempo mostrando-nos o Dia do Estudante que se aproxima a passos lentos e cujo cenário se apresenta alegre e de uma galhardia sem par. Dedicamos ao nosso Dia toda a satisfação que possuímos para demonstrar que a cordialidade reina no Liceu Alagoano. (O farol do Estudante, 1941, ano I, nº 3, p. 3).*

Figura 14: Acervo do IHGAL

No referido exemplar foram apontados temas ligados à política de publicação do periódico, explicando que as produções deveriam ser assinadas por pseudônimos, porém a redação do jornal precisava ser informada da procedência do texto, sendo de responsabilidade de manter o sigilo sobre a identidade do autor. Neste sentido, o redator Benedito Rodrigue de Lima antecipa que:

*O Farol do Estudante não assume responsabilidade por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolverá os originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos sob pseudônimos só serão publicados quando a identidade do autor for conhecido na direção da nossa revista. (O farol do Estudante, 1941, ano I, nº 3, p. 4).*

Vejamos que começava a ter censura a proibição do pseudônimo, ou, a liberdade de expressão para uma época de grande vigilância. São tratadas quase as mesmas temáticas presentes nos periódicos analisado anteriormente: poemas e a comunidade estudantil, porém a forma de exposição se modifica. Tal estrutura se repete no exemplar do dia 01 de julho de 1941. Na sessão *O farol esportivo* (Figura 15), que se mantém nos dois exemplares em estudo, fica evidente que o impresso estudantil atingia leitores além do público de estudantes do Liceu, uma vez que trazia nota sobre outras instituições, também encontrada no *O Ribeirense* (1929), de acordo com Camargo (2000, p. 152), “(...) Quando o jorna registra as atividades esportivas dos alunos e mais os comentários, dificilmente deixava de traduzir um interesse comum que havia entre os alunos os pais e a população de Rio Claro para tal leitura”. Traço encontrado no jornal em estudo:



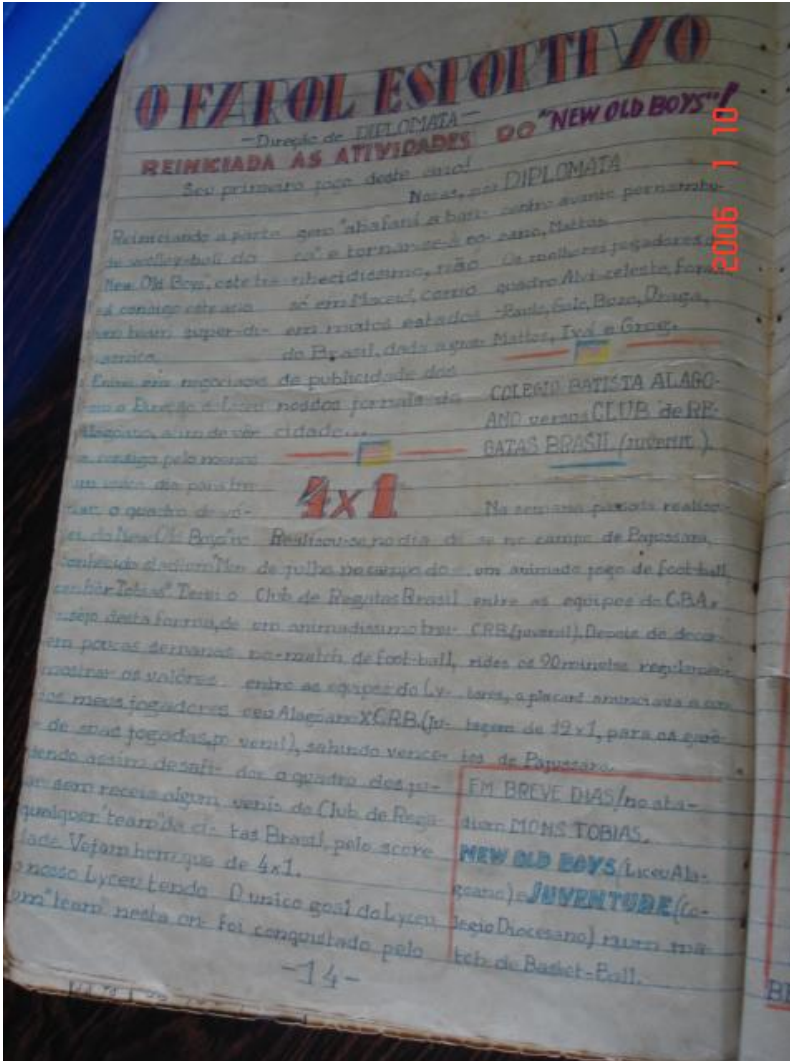


Figura 15: Acervo do IHGAL

[...]

4X1

Realizou-se no dia de julho no campo de Club de Regatas Brasil um animadíssimo treino-match de foot-ball, entre as equipes do Lyceu Alagoano X CRB (juvenil), sahindo vencedor o quadro dos juvenis do Club de Regatas Brasil, pelo score 4x1.

O único goal do Lyceu foi conquistado pelo centro-avante pernambucano, Mattos.

Os melhores jogadores em quadra Alvi-celeste, foram: Paulo, Galo, Buzo, Draga, Mattos, Ivá e Grog.

Colégio Batista Alagoano versus Club de Regatas Brasil (juvenil)

Na semana passada realizou-se no campo de Pajussada, um animado jogo de foot-ball, entre as equipes do CBAx CRB (juvenil). Depois de decorrido os 20 minutos regulamentares, a placard anunciava a contagem de 12x1, para os garotos de Pajussara. (O farol do Estudante, 1941, ano I, nº 3, p. 14).

Encontramos característica no noticioso recreativo que não foram encontrados nos jornais do Império, não desse modo. O impresso apresenta uma discussão própria dos alunos, própria da idade e dos interesses. Uma escrita informal, com conteúdo que retratam o cotidiano escolar, nos dando uma noção mais clara do dia-a-dia dessa instituição. Destacamos as sessões *Teatro no ar* (Figura 16), *Festa dos concluintes* (Figura 17), *Versando sobre...* (Figuras 18), *Histórias em Quadrinhos* (Figura 19), *Poesias* (Figura 20), *Noticiário* (Figura 21), *Você Sabia...* (Figura 22), além de muita ilustração e humor (Figuras 23 e 24).

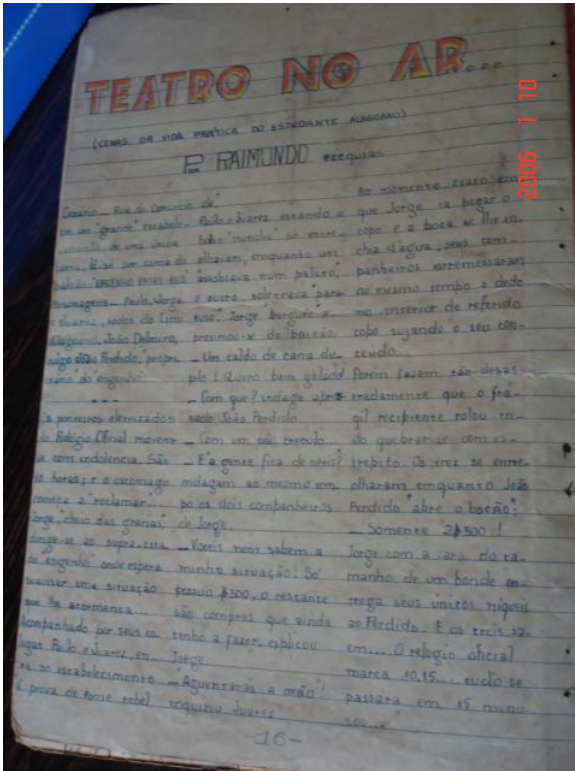


Figura 16: Acervo do IHGAL

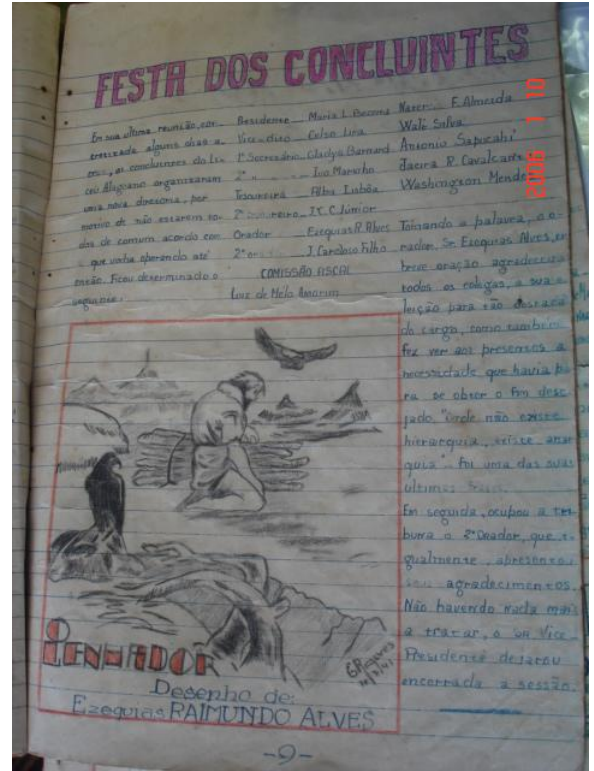


Figura 17: Acervo do IHGAL

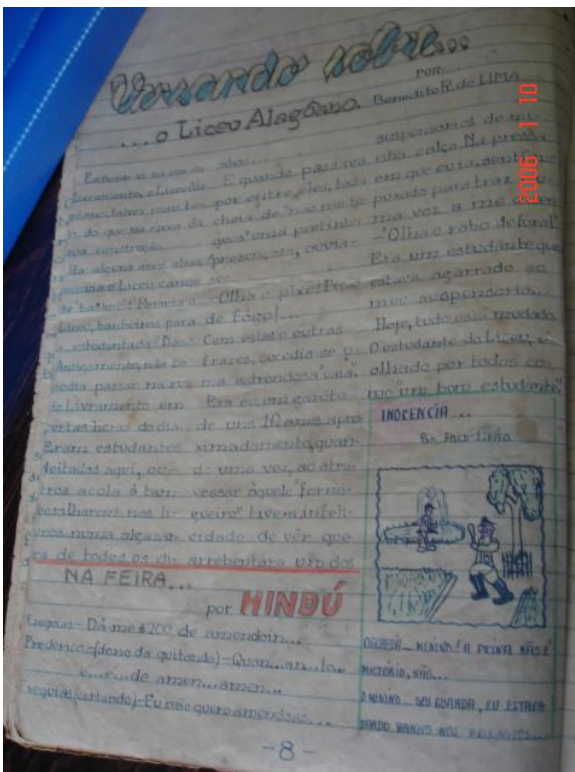


Figura 18: Acervo do IHGAL

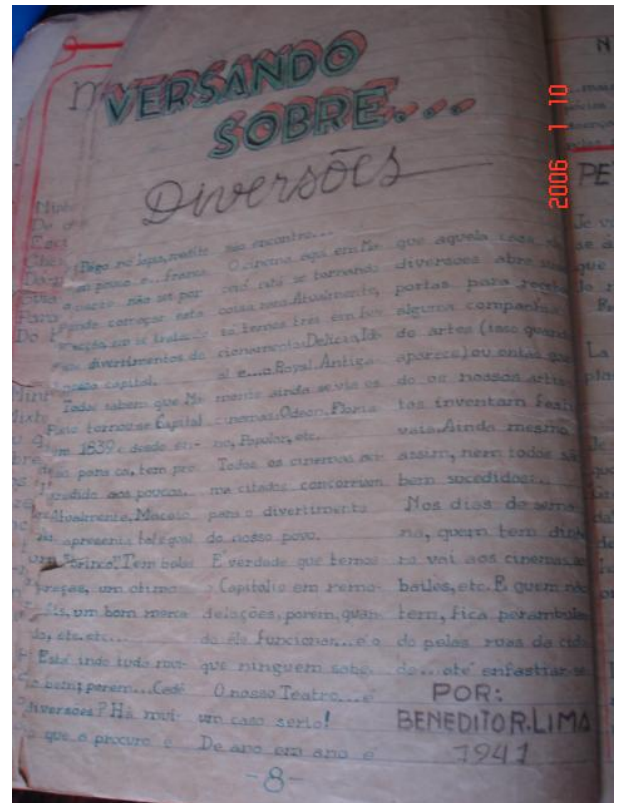


Figura 18: Acervo do IHGAL



Figura 19: Acervo do IHGAL

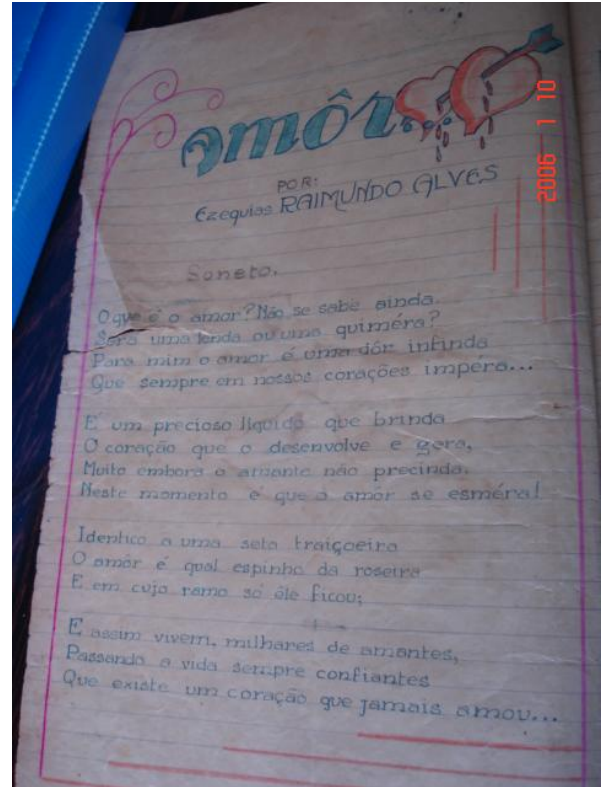


Figura 20: Acervo do IHGAL



Figura 21: Acervo do IHGAL



Figura 22: Acervo do IHGAL

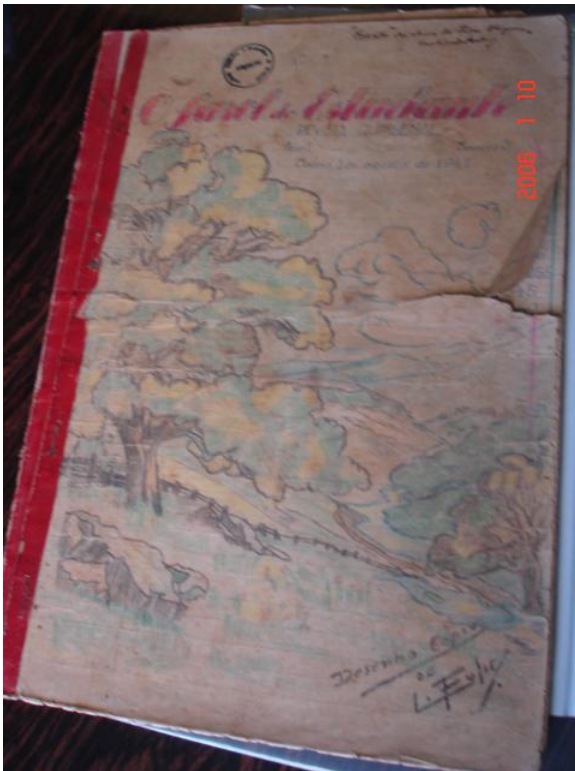


Figura 23: Acervo do IHGAL



Figura 23: Acervo do IHGAL

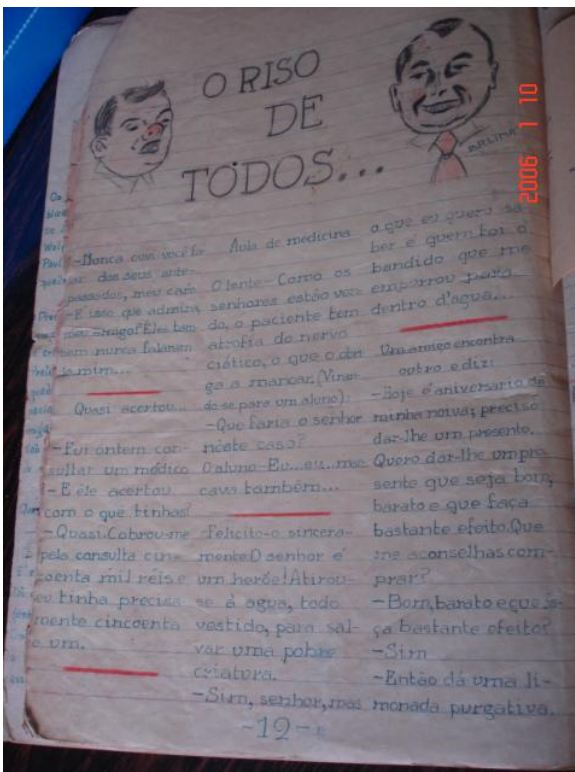


Figura 24: Acervo do IHGAL



Figura 24: Acervo do IHGAL

Outro impresso e último a ser tratado é *O eco escolar* que passou a circular no ano de 1943. Vinculado ao Grupo Escola Rural de Maceió, localizado no bairro de Bebedouro, era dirigido pelo *Órgão Oficial dos alunos do Grupo Rural Modelo*. Cinco exemplares foram acessados, mas, boa parte, ilegível. Semelhante ao *Eco*, o tema mais recorrente era o patriotismo. As publicações eram de exaltações e apologia a figuras ilustres da história oficial brasileira. Os temas em destaque expressavam tal intenção: *Viva 19 de abril de 1943* (Figura 25) (dia do aniversário de Getúlio Vargas); *Brasileiros: nossa homenagem aos insignes Duques de Caxias e Marechal Deodoro* (Figura 26) (contribuições para o país); *Brasil Independência ou Morte* (Figura 27) (comemoração de 07 de setembro).

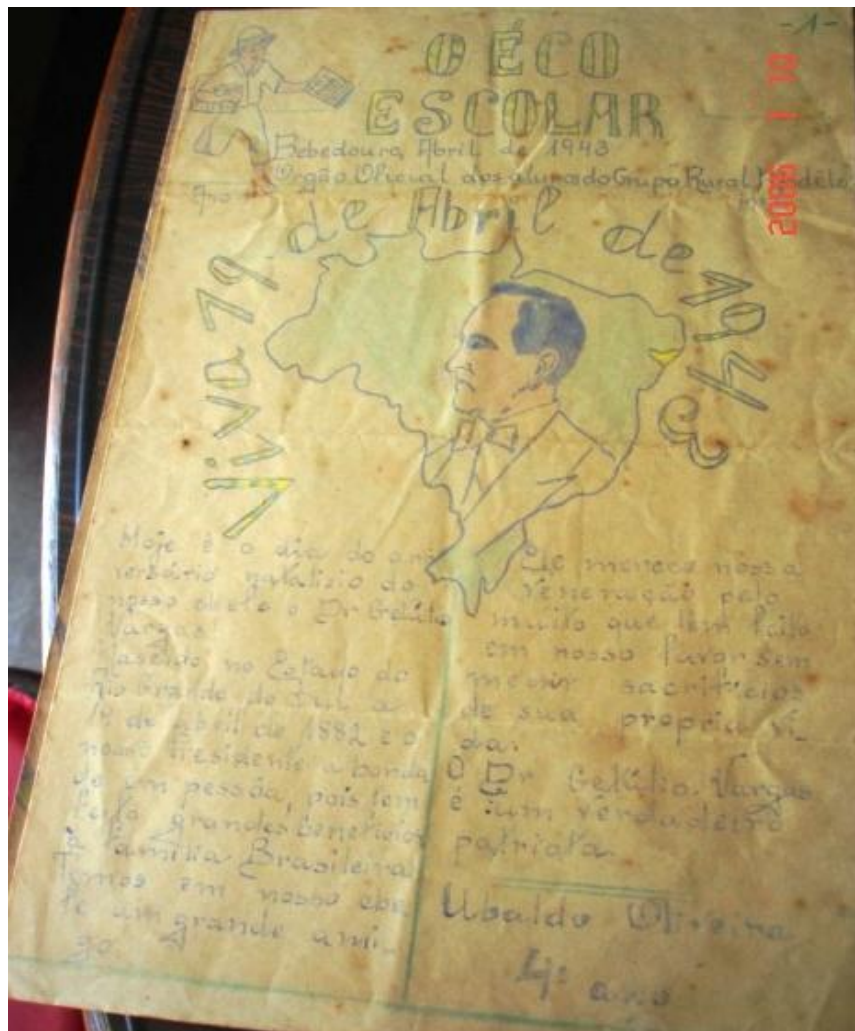


Figura 25: Acervo do IHGAL



Figura 26: Acervo do IHGAL

Pelo teor do conteúdo abordado nos periódicos consideramos que eles tinham como públicos alvo os alunos, membros da escola e em alguns momentos expandia para comunidades estudantis, quando abordavam conteúdos de outras instituições de ensino, nesse modo os temas estão relacionados ao cotidiano da escola, dias de prova e eventos nos quais a instituição estava envolvida, como teatro e esporte. O periódico em estudos se encontra muito mutilado, com partes ilegíveis dificultando a leitura e descrição das matérias, como foi feito nos demais impressos.

Diferentemente dos demais impressos analisados, este tinha uma especificidade por tratar de temas ligados à terra, a ecologia e a vida no campo, certamente por pertencer ao grupo escolar rural da cidade de Maceió. Na sessão *Nossa Atividade* (Figura 28) do dia 14 de junho de 1943, a fala dos alunos se remete as aulas sobre o cultivo do milho, “(...) estudamos especialmente o milho planta que serve para alimentação dos animais e também para o homem que o utiliza em canjica, mungunzá, cuscuz, angu, etc. (...). Fizemos o plantio do milho no dia 20 de março (...)”.

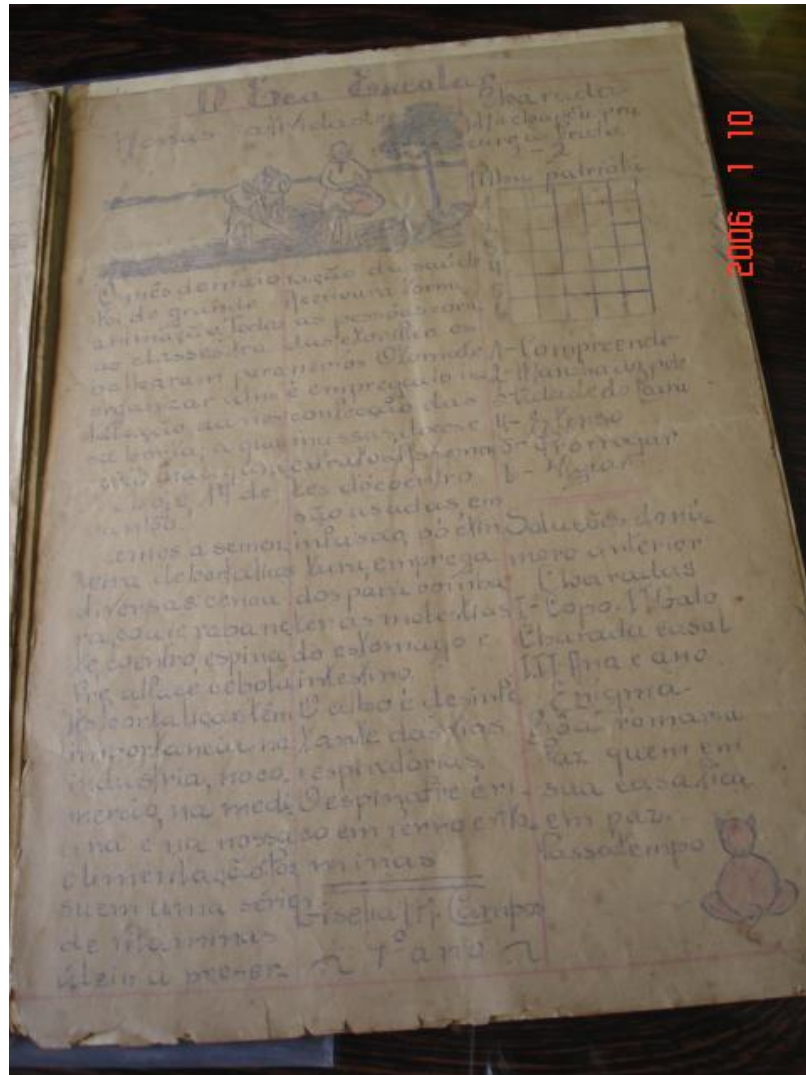


Figura 28: Acervo do IHGAL

Segundo Silva (2009), o perfil do jovem estudante seria moldado por seu envolvimento com o mundo das letras. E o primeiro vestígio está expresso nos periódicos estudantis, que apresentam entre si características semelhantes. Todos apontam a escolarização como o caminho que proporciona a transformação espiritual do jovem, levando a refletir sobre sua aproximação e transformação de uma “natureza selvagem” - àquela referente à passagem da infância para a adolescência -, para outra dócil e civilizada, a partir do controle dos aspectos instintivos e impulsivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para análise dos impressos escolares aqui em destaque, foi preciso mergulhar no universo da escrita dos jovens e adultos, por meio das instituições, dos docentes e dos saberes em circulação. Como foi possível constatar, os periódicos estudantis tinham um caráter retórico-literário, nos revelando o tipo de formação ofertada nos colégios nos quais os periódicos estavam vinculados. Com aqueles pequenos escritos, os jovens escolares começavam a trilhar pelo terreno intelectual para mais à frente ingressar no jornalismo, na docência, no parlamento, na administração pública, no terreno literário como escritor ou romancista.

Nesse momento, nos direcionamos a pergunta que norteia nosso trabalho **qual o perfil da escrita veiculada nos periódicos estudantis em Alagoas?** Diante do que foi estudado não podemos estabelecer sentidos ou significados para tudo o que foi lido nos jornais e toma-los como escrita do aluno. Está escrita nos traz alguns indícios, vimos que a maioria dos periódicos não levantam termos próprios da idade dos rapazes, são termos dos adultos, confirmando parcialmente que a escrita dos estudantes eram sim tuteladas e protegidas pelos mestres.

Um dos propósitos relativos à publicação dos periódicos está relacionado ao fato de que tais jovens passaram a se iniciar no exercício da escrita para a qual, mais tarde, seriam requisitados em suas profissões. Os jovens da elite intelectual local eram chamados a discutir e escrever sobre temas variados, ligados a literatura, filosofia, economia, higiene, retomando-se constantemente a noções de progresso tanto moral como econômico, na relação educação e instrução. Apresentavam, portanto, uma formação generalista, semelhante à de um jornalista, mas, propiciada pelo currículo dos liceus provinciais com tradição humanística.

A formação humanística e literária dada nesses colégios era resultado de uma longa tradição do ensino brasileiro. Era inculcado nesses jovens o valor dado a leitura dos clássicos, das línguas, e, sobretudo, a exposição de suas idéias para o público. As instituições particulares e filantrópicas como o Colégio São Domingos, Bom Jesus e a Escola Central, por vezes, usavam esses impressos como forma de expor na imprensa o êxito da formação das respectivas instituições. Os jornalinhos funcionavam como veículo de propaganda.

A partir deste escrito, foi possível constar o quanto os impressos nos informam sobre o conteúdo pedagógico de uma determinada época. A imprensa, de um modo geral, tem



disponibilizado um leque de informações a respeito do passado de nossa educação, de outro modo seria difícil captar tantos elementos que se juntam num mesmo documento. Destaco Duarte (1921) que em estudo amplo sobre vários periódicos estudantis alagoanos, desenvolve uma reflexão sobre o constante lançamento de jornais, muitos dele apresentavam um conteúdo frágil, justificando seu rápido desaparecimento.

Cabe lembrar, por fim, que a grande quantidade de estudos em história da educação brasileira que tem usado o impresso como fonte deveu-se a uma prática profundamente saudável dos atuais pesquisadores de nossa área, que passaram a desvelar o que escondem os nossos acervos locais. Sem esta prática de pesquisa não haveria como mergulhar nas minúcias desse mundo mental do tempo passado.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de Barros. **ABC das Alagoas - Dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005, vol. II.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **“Coisas velhas”: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928 – 1958)**. São Paulo: UNESP, 2000.

CATINA, Denice Barbara; BASTOS: Maria Helena Camara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSTA, Craveiro. **Instrução pública e instituições culturais de Alagoas**. Maceió, Imprensa Oficial, 1931.

DUARTE, Aberlado. **História do Liceu Alagoano: desde sua criação até o ano de 1960**. Maceió: Divulgação do Departamento Estadual de Cultura, 1961.

DUARTE, Aberlado. **O periodismo literário nas Alagoas**. Maceió: Caderno III – Divulgação do Departamento Estadual de Cultura, 1961.

DURKHEIM, Emile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médica, 1995.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. Fontes complementares na pesquisa historiográfica. In: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES;

Lívia Diana Rocha (orgs.). **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2009. (p. 15/24)

GONDRA, José Gonçalves e SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONDRA, José Gonçalves. **O Veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: a Revista Pedagógica**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasília, R. bras. Est. Pedag. v. 178, n. 188/189/190, p.374-395, jan./dez. 1997.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Imprensa e Educação da Mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LARA, Silvia Hunold. **Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico**. Porto Alegre: Anos 90, v. 15, n. 28, p. 17/39, dez. 2008.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. Itinerário do educador alagoano Francisco Domingues da Silva (1847 – 1918). In: VERÇOSA, Elcio de Gusmão (org.). **Intelectuais e processos formativos em Alagoas (séculos XIX –XX)**. Maceió: EDUFAL, 2008.

MIZUTA, Celina Midori Murasse. **Os jornais do século XIX e a pesquisa e história da educação**. Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba – PR.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e as províncias**: subsídios para a história de Educação no Brasil 1834/1889. 1º Volume das Amazonas as Alagoas. São Paulo: Brasileira, 1939.

SOUSA, Cynthia Pereira da. A educação pelas Leituras: Registros de uma revista escolar (1930 – 1960). In: CATINA, Denice Barbara; BASTOS: Maria Helena Camara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Janaíla dos Santos. **A concepção de mocidade no ensino secundário alagoano do século XIX**: reflexões entre o conhecimento psicológico e a educação. Dissertação CEDU – UFAL: Maceió, 2009.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Capitalismo e Ferrovias no Brasil**. HD Livros, Curitiba, 1996.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. **O Collegio Pedro II: centro de referência das idéias educacionais transnacionais para o ensino secundário brasileiro no período Imperial**. In: VI Congresso Luso Brasileiro De Historia Da Educação, 2006, Uberlândia. ANAIS DO VI Congresso Luso Brasileiro De Historia Da Educação. Uberlândia : UFU/ Universidade de Uberlandia, 2006. v. 01. p. 01-10.

VECHIA, Ariclê. O ensino secundário no século XIX. In: STEPHANOU Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **História e Memória da educação no Brasil**. Vol. II-século XIX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. (p. 78/90)

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A Cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas – SP: Autores Associados, 2005. (p. 3/30)

VILELA, Helena Oliveira Santos. Do artesanato à profissão – Representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: STEPHANOU Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.) **História e Memória da educação no Brasil**. Vol. II-século XIX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. (p. 104/115)

## Fontes jornalísticas

**José Corrêa da Silva Titara.** Publicação a Pedido **Diário das Alagoas**, Maceió, 24 de Agosto de 1859, ano II, nº 192, p. 2.

**Lyceista Alagoano**, 20 de Maio de 1859, nº 10, ano II.

**O Collegial**, [data ilegível]1869, nº 3, ano II.

**O Dever**, 4 de outubro de 1887, nº 9, ano I.

**O Dever**, 3 de junho de 1887, nº 1, ano I.

**O Dever**, 19 de junho de 1887, nº 2, ano I.

**O Dever**, 25 de novembro de 1887, nº 8, ano I.

**Estudante**, 20 de setembro de 1888, nº 5, ano I.

**Estudante**, 10 de novembro de 1888, nº 10, ano I.

**Estudante**, 10 de agosto de 1888, nº 1, ano I.

**Estudante**, 07 de setembro de 1888, nº 4, ano I.

**A Escola**, 01 de fevereiro de 1892, nº 1, ano I.

**O farol do estudante**, 01 de agosto de 1941, nº 3, ano I.

**O farol do estudante**, 01 de setembro de 1941, nº 1, ano I.

**O eco escolar**, Bebedouro, Outubro e Novembro de 1943, ano I, nº VII.

**O eco escolar**, Bebedouro, Agosto de 1943, ano I, nº V.

**O eco escolar**, Bebedouro, Julho de 1943, ano I, nº IV.

**O eco escolar**, Bebedouro, Abril de 1943, ano I, nº [?].